



ISPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

**VIOLÊNCIA NO NAMORO E ESTILOS
PARENTAIS NA ADOLESCÊNCIA**
**Compreensão das atitudes face à violência nas
relações de namoro em adolescentes e a relação com a
sua percepção dos estilos parentais**

Gonçalo Alves Moura

Orientador de Dissertação:
PROF. DOUTOR JOSÉ MORGADO

Coordenador de Seminário de Dissertação:
PROF. DOUTOR FRANCISCO PEIXOTO

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Educacional

Dissertação de Mestrado realizada sob orientação do Prof. Doutor José Morgado, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Educacional conforme o despacho da DGES nº 19673/2006 publicado em Diário da República 2ª série de 26 de Setembro, 2006.

Agradecimentos

Ao ISPA por ter proporcionado e estreitado o laço entre mim e a Psicologia.

Ao Professor José Morgado pela atenção, disponibilidade, apoio e principalmente por ter despertado em mim a paixão pela Psicologia Educacional.

Ao Professor Francisco Peixoto pela disponibilidade que demonstrou e pela capacidade de me fazer ver as coisas de um ponto de vista crítico.

A todas as escolas e respectivos professores que se demonstraram disponíveis e que me ajudaram na recolha de dados.

A toda a minha equipa Decathloniana, um muito obrigado pelo apoio e compreensão durante este processo: Helder, Eduardo, Vanessa e Pedro.

A toda uma equipa especial com quem tenho tido o óptimo prazer de trabalhar e passar boas partes dos meus dias, pela compreensão e incondicional apoio nesta etapa académica: Ana, Lúcia, Isabel e Inês

Ao Rui Munhá pela inteira disponibilidade e paciência que demonstrou durante a internacionalização do meu trabalho e por fazer tão feliz quem me é tão especial.

A todos que deixei no Brasil, mas que trago sempre no meu coração por tudo o que me ensinaram e me proporcionaram e por me fazerem acreditar num futuro: Olema, Claudio, Vó Luiza, Thiago, Claudinho, Cristina, Juliana, Marcela e Daniel

Ao António por ser peça fundamental no puzzle em que hoje me tornei, e por criar em mim a vontade de compreender e pensar a nossa condição de “Homens incompletos”.

À Irini por partilhar eternos momentos de amizade, alegria, tristeza e divertimento. Agradeço ao passado por te ter colocado no meu presente, obrigado por tudo.

À Eva pela eterna amizade e solidariedade nos maus e nos bons momentos, e por ser constantemente uma fonte de inspiração para mim. Com eterno carinho por ti e pelo Pedro.

À Sara por me demonstrar que o tempo não é um obstáculo à amizade e por me deixar continuar a fazer parte da sua vida com tanto carinho. Um especial obrigado pela inteira dedicação e colaboração durante a *confeção* deste trabalho. Muito obrigado.

Ao Miguel pelo eterno companheirismo e amizade, e por me deixar orgulhoso pela pessoa fantástica que é. Obrigado por tudo.

Ao Eduardo pela amizade, pela constante instigação à proactividade e pela capacidade de compreensão e mudança em prole dos que mais ama.

Ao meu irmão e à minha cunhada, por serem pessoas de quem sinto apoio incondicional, e por me porporcionarem a deslumbrante e inspiradora oportunidade de ser tio. Bem vinda Beatriz.

Aos meus avós, que com este trabalho realizam um sonho junto comigo e que serão eternos marcos na minha vida, obrigado Júlia e João.

Aos meus pais pelo apoio incondicional, e pelo orgulho que depositam em mim, bem como por me ajudarem e me tornarem a vida mais simples, obrigado João e Isabel.

Muito obrigado a todos!

Resumo

Apenas recentemente a violência nas relações de intimidade juvenil foi considerado um tópico de pesquisa importante, tendo sido uma variável omissa e/ou mesmo marginalizada nos discursos sociais e científicos, por comparação com outros tipos de violência. As dificuldades associadas à própria definição de violência e à operacionalização desse conceito, bem como a complexidade inerente às variáveis que influenciam diretamente este fenómeno contribuíram para a dificuldade em compreender esta temática. Desta forma, os objectivos principais deste estudo visam a compreensão das atitudes dos jovens face à violência no namoro e a forma como os estilos parentais percebidos pelos jovens podem condicionar e influenciar a forma como estes toleram e legitimam a violência. A amostra é constituída por jovens com idade compreendidas entre os 12 e os 16 anos de idade ($M=13,36$; $DP=1,06$). Para avaliar a percepção que os jovens têm dos estilos parentais dos pais foi utilizado o *Parental Authority Questionnaire (PAQ)* versão portuguesa adaptada por Morgado, Maroco, Miguel, Machado, e Dias (2006); as atitudes acerca da violência no namoro foram avaliadas através da *Escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro (EAVN)*, adaptação da *Attitudes Toward Dating Violence Scale*, desenvolvida e validada em 1999 por Price e colaboradores, versão portuguesa adaptada por Saavedra, Machado, e Martins (2008). No plano das atitudes verificaram-se diferenças entre géneros, sendo os rapazes quem mais legitimam e toleram a violência no namoro, independentemente de se perceberem como perpetradores ou vítimas. As raparigas apresentaram scores médios de legitimação e tolerância face à violência no namoro muito próximos aos dos rapazes, embora sempre inferiores. A idade dos participantes revelou-se um factor pouco conclusivo neste estudo, não sendo evidenciadas diferenças nos níveis de legitimação e tolerância face à violência no namoro, consoante as idades dos participantes. Relativamente à variável estilos parentais destacam-se resultados que permitem confirmar uma relação positiva entre pais que são percebidos como sendo mais autoritários e permissivos e níveis mais elevados de legitimação e tolerância face à violência no namoro. Verificou-se também que existe uma relação negativa entre pais percebidos como sendo mais autoritativos e os níveis de aceitação e legitimação da violência.

Palavras-Chave: Violência no namoro; estilos parentais; adolescência; Atitudes.

Abstract

It was not until recently that the violence in juvenile dating relationships started to become an active research topic, and worth of in-depth discussions, in both scientific publications and socially-oriented speeches. This is corroborated by the information available regarding the latter subject in comparison to other types of violence, for example. Among the factors that have contributed to the current situation are the intrinsic difficulty in defining violence and operationalization of this concept, as well as the understanding of the different variables that directly influence violence in juvenile dating relationships. Thus, the main objective of this study was to understand how juveniles perceive violence in a relationship. In addition, it was investigated how the way they visualize their parents education style can influence, and dictate, their levels of tolerance and acceptance of any form of violence. A sample of 121 participants took part in this study, both genders, aged between 12 and 16 years old ($M=13,36$; $SD=1,06$) To evaluate the perception that juveniles have of their parents relationship, it was used as a reference the PAQ, Portuguese version adapted by Maroco, Miguel, Machado, e Dias (2006); the attitudes towards violence in dating relationships were evaluated by the EAVN, developed and validated in 1999 by Price and co-workers, Portuguese version adapted by Saavedra, Machado, e Martins (2008). The data suggest that there is a difference between genders. Violence in a relationship is more accepted by juvenile males, both from a perspective of the victim or perpetrator. There were cases where females showed scores of legitimacy and tolerance towards dating violence very close to the males; however, these were always lower. A parallel between the participants age and the levels of tolerance of violence in dating relationships proved to be difficult to draw. This study was not able to establish marked differences in the behavior of juveniles aged between X and Y. Regarding the variable parenting styles, the results show that there is a positive correlation between parents who are perceived as being more authoritarian or permissive and higher levels of legitimacy and tolerance towards violence in dating. Accordingly, it was also found that parents perceived as being more authoritative lead to lower levels of acceptance and legitimization of violence.

Keywords: Dating violence; parenting styles; adolescence; attitudes.

Índice

Introdução	1
Capítulo I - Enquadramento Teórico	4
1. Adolescência.....	4
1.1 Namoro na adolescência	6
2. Estilos Parentais.....	8
3. Violência.....	11
3.1. Diferentes Perspectivas Teóricas.....	17
3.2. Tipologia da Violência (física, psicológica e verbal)	21
Capítulo II - Problemática e Hipóteses.....	25
Capítulo III – Método	32
1. Amostra	32
2. Instrumentos	32
2.1.Avaliação Sócio Demográfica	32
2.2.Parental Authority Questionnaire (PAQ).....	33
2.3.Escala de Atitudes Acerca da Violência no Namoro (EAVN)	34
3. Procedimento Geral	34
4. Procedimento Estatístico	35
Capítulo IV - Resultados	37
Capítulo V – Discussão	44
Capítulo VI – Conclusão	50
Capítulo VII – Referências	53
Anexos.....	63
Anexo I – Questionário de Caracterização Populacional	64
Anexo II – Questionário de Autoridade Parental (P.A.Q).....	65
Anexo III – Escala de Atitudes Acerca da Violência no Namoro (E.A.V.N)	67
Anexo IV – Pedido de Autorização para os Pais.....	71
Anexo V – Pedido de Autorização para as Escolas.....	72

Anexo VI – Carta de Recomendação do Orientador	73
--	----

Índice de Quadros

Quadro1 - Características sociodemográficas da amostra total (Frequências e Percentagens)	32
Quadro 2 - Níveis de Legitimação/Tolerância face à Violência no Namoro em rapazes e raparigas - Média, Desvio Padrão, Valor t e valor p	37
Quadro 3 - Níveis de Legitimação/Tolerância face à Violência no Namoro entre as idades dos participantes- Média, Desvio Padrão, Valor F e valor p.....	38
Quadro 4 - Estatística descritiva da EAVN e PAQ na amostra total	39
Quadro 5 - Estatística descritiva da EAVN e PAQ na amostra Feminina	40
Quadro 6 - Estatística descritiva da EAVN e PAQ na amostra Masculina	41
Quadro 7 - Correlações entre os Níveis de Legitimação/Tolerância face à violência no namoro e a Percepção dos Estilos Parentais na amostra total	42
Quadro 8 - Correlações entre os Níveis de Legitimação/Tolerância face à violência no namoro e a percepção do Estilo Parental entre rapazes e raparigas	43

Introdução

Durante alguns anos os focos das atenções estiveram voltados para tipos particulares de violência na intimidade, especificamente, a violência doméstica e os maus tratos a menores, deixando de lado outros contextos e dimensões da violência, como é o caso da violência no namoro entre jovens. Nas duas últimas décadas, o namoro na adolescência e os tipos de violência que estas relações podem envolver, passaram a constituir um problema social importante (Straus, 2004). Só em 1981 Makepeace, citado por Lewis e Fremouw (2001), ao realizar o primeiro estudo na área da violência na intimidade juvenil, conseguiu alertar a comunidade científica para esta problemática, revelando que um em cada cinco estudantes universitários eram afectados por este problema, fossem eles vítimas ou perpetradores de actos abusivos.

Ao longo dos anos os estudos nesta área têm-se tornado mais frequentes, principalmente na população universitária. Desta forma, os estudos mais recentes, citados por Caridade, Machado e Vaz (2007), revelam que em contexto universitário entre 30% a 60% dos jovens já experimentaram, pelo menos uma vez, violência física nas suas relações amorosas. Ao longo das diversas investigações feitas nesta área, foi-se tentando explorar diversas variáveis que pudessem explicar melhor este fenómeno. Lewis e Fremouw (2001) ao fazer uma revisão crítica sobre a literatura nesta área, divide a literatura em dois grandes grupos: vítimas e perpetradores. Embora os estudos acabem por conseguir obter informação em simultâneo sobre estes dois grandes grupos, é mais fácil analisá-los em separado, uma vez que as mesmas variáveis (e.g. contexto, aspectos sócio-demográficos, históricas, clínicas) assumem ponderações diferentes consoante o papel desempenhado na relação. Embora o papel desempenhado na cena violenta possa ser muito importante para compreender o fenómeno, Albisetti (2008) refere a fragilidade que existe, por vezes, em diferenciar vítima de perpetrador, alertando para a linha ténue que existe entre estes dois papéis e outros que podem ser desempenhados na cena agressiva.

Portugal, embora mais recentemente, tem visto proliferarem alguns estudos na área da violência no namoro, contudo, a população-alvo são tendencialmente jovens universitários, o que deixa a população mais jovem carenciada de estudos desta natureza (Caridade et al., 2007). Este é um dos principais factores que pode tornar este estudo pertinente e interessante. Alguns estudos portugueses (e.g. Machado, Matos, & Moreira,

2003; Paiva & Figueiredo, 2004) têm demonstrado que os jovens universitários tendem a adotar com alguma frequência condutas violentas na sua intimidade. Paiva e Figueiredo (2004) verificaram que, em termos quer de perpetração quer de vitimização, a agressão psicológica era o tipo de abuso mais prevalente na amostra, sendo o abuso físico com sequelas menos frequente. Saavedra (2010), ao efectuar um estudo na área da prevenção deste tipo de comportamentos, bem como trabalhando ao nível das atitudes, constatou que predominantemente os rapazes são quem mais legitima e tolera a violência numa relação, independentemente de se percepcionarem como vítimas ou perpetradores.

Embora a literatura evidencie e destaque a importância das atitudes no comportamento violento na intimidade, são ainda escassos os estudos empíricos sobre esta matéria (Caridade et al., 2007). Ao analisar alguns estudos sobre esta área, a grande conclusão que se pode retirar é que a relação entre atitudes e comportamentos parece não ser muito linear, ou seja, alguns estudos mais quantitativos (e.g. Machado, Matos & Moreira, 2003) relatam a existência de uma baixa concordância geral com o uso da violência nas relações amorosas. Por outro lado, Price, Byers e o Dating Violence Research Team (1999) consideram que, ainda que em minoria, um número significativo de jovens tende a legitimar o recurso a certas formas de violência nas relações de namoro. Estudos mais recentes (e.g. Saavedra, 2010), destacam a existência de uma relação entre atitudes e comportamentos violentos na intimidade, apontando as atitudes como fonte preditora e ferramenta essencial na elaboração de planos de prevenção.

Segundo Miller, Gorman-Smith, Sullivan, Orpinas e Simon (2009) a parentalidade é uma das variáveis mais importantes e preditoras de comportamentos abusivos e delinquentes na adolescência. Neste sentido, Oliveira (2009) refere que uma compreensão mais profunda do fenómeno da violência no namoro deve contemplar algumas explicações teóricas sobre o que fomenta este tipo de violência. Uma dessas explicações assenta no modelo de transmissão intergeracional, segundo o qual os jovens que outrora vivenciaram ou testemunharam comportamentos violentos no seu contexto familiar, apresentam uma maior probabilidade de vir a reproduzir esses mesmos comportamentos nas relações que irão estabelecer ao longo da sua vida. Algumas das teorias que contemplam este factor da transgeracionalidade são o *Modelo Biopsicossocial* de Bronfenbrenner e a *Teoria da Aprendizagem Social* de Bandura.

Nesta sequência, o presente estudo procura investigar, de uma forma exploratória, a violência no namoro e os estilos parentais na adolescência, tentando

compreender as atitudes face à violência nas relações de namoro numa amostra de adolescentes, com idades compreendidas entre os 12 e os 16 anos de idade, e a sua relação com a sua percepção que os jovens apresentam dos estilos parentais.

Este estudo divide-se em sete capítulos, em que no primeiro capítulo se contempla uma revisão teórica sobre alguns temas relevantes para a compreensão dos resultados obtidos; no segundo capítulo são expostas as hipóteses do presente estudo e os dados empíricos mais directos que as tornam pertinentes; no terceiro é mencionada a metodologia usada para recolher e tratar os dados; no quarto capítulo são expostos os resultados obtidos; no quinto capítulo procedeu-se a uma discussão sobre os resultados obtidos, à luz dos fundamentos teóricos inicialmente apresentados no primeiro capítulo; no sexto capítulo são concluídos os contributos principais que este estudo teve para a área científica, respectivas limitações e sugestões para futuros estudos empíricos; e no sétimo referenciam-se as bases teóricas usadas ao longo de todo o trabalho.

Capítulo I - Enquadramento Teórico

1. Adolescência

A adolescência é um conceito relativamente recente na história social do Ocidente e diz respeito a um processo referente a um período ou etapa evolutiva muito peculiar na vida de um sujeito, que se situa entre a infância e a sua passagem para a idade adulta, sendo que a sua definição apenas foi definitivamente consolidada em finais do século XIX (Ariès, 1973, cit. por Coutinho, 2005; Conti, Gambardella & Frutuoso, 2005). É um período que gera fortes controvérsias no que diz respeito ao estabelecimento dos seus limites cronológicos, apesar de, geralmente, se considerar que o seu início coincide com o início da puberdade e o seu fim tem lugar com a aquisição de uma identidade sexual fixa e a plena formação do carácter (Sampaio, 1994, cit. por Silva,; Da Silva e André, 2005).

Segundo Braconnier e Marcelli (2000) são inúmeros os especialistas que descrevem este período como sendo de crise, no qual o adolescente procura a sua autonomia e independência, verificando-se grandes mudanças a diversos níveis, como o social, familiar, afectivo e psicológico, com tendência à apresentação de comportamentos individuais e sociais bruscos, inconstantes e extremos. Assim, constata-se que na adolescência se dá o culminar de um processo maturativo biopsicossocial, pelo que, para a compreender na sua totalidade, não é possível estudar isoladamente aspectos biológicos, psicológicos e sociais que ocorrem simultaneamente no indivíduo, sendo portanto indissociáveis (Conti, Gambardella & Frutuoso, 2005). Já Freud (1986) entendeu a adolescência como um período marcado por vários conflitos intrapsíquicos originados pelo ressurgir das pulsões sexuais reprimidas na fase final do conflito edipiano, as quais se opõem de forma violenta às proibições inconscientes que antes foram erigidas, pelo que a forte tensão emocional é considerada como intrínseca a esta etapa.

Braconnier e Marcelli (2000) consideram também o adolescente como um ser paradoxal, no sentido em que é constantemente confrontado com uma série de contradições, desejando simultaneamente determinada coisa e o seu contrário, como por exemplo, o facto de querer tornar-se autónomo e independente e, ao mesmo tempo, requerer a ajuda dos pais para as situações mais triviais do seu quotidiano. Desta forma, parece que a noção de crise, tão repetidamente defendida por diversos autores, corresponde a esta procura intensa de autonomia e independência em relação

aos pais tão própria dos adolescentes (Braconnier & Marcelli, 2000). Contudo, Gleitman, Fridlund & Reisberg (2009) referem a existência de investigadores que não atribuem a turbulência inerente a este período como algo inevitável, pelo que a existência ou não de uma perturbação emocional acentuada, a tão proclamada “crise” da adolescência, depende maioritariamente da forma como a cultura em que cada adolescente está inserido lida com esta etapa de transição, sendo que é possível assistir-se a transições mais suaves e outras mais turbulentas, dependendo este facto, em grande parte, dos pontos de contacto físico existentes entre as rotinas adultas e as rotinas das crianças. Assim, e ainda nesta linha de pensamento, Costa (1998) cit. por Ferreira e Nelas (2006) refere que, apesar de todas as transformações fisiológicas trazidas pelas puberdade, a adolescência não deixa de ser condicionada por factores sociais e culturais, que interagem com o desenvolvimento biológico, intelectual e emocional, que permitirão ao individuo a sua real integração no mundo adulto.

Para Sampaio (1995) cit. por Ferreira e Nelas (2006) a adolescência é uma etapa de desenvolvimento que ocorre entre a puberdade e a idade adulta, isto é, desde que se iniciam as primeiras alterações psicobiológicas até à idade em que um sistema de valores e crenças é adquirido e enquadrado numa identidade estabelecida. Desta forma, segundo Ferreira e Nelas (2006) a adolescência é uma época da vida de um indivíduo, marcada por profundas transformações fisiológicas, psicológicas, pulsionais, afectivas, intelectuais e sociais, pelo que, mais que uma fase, é certamente um processo de forte dinamismo, onde se dá a passagem da infância para a idade adulta.

A adolescência é também um período de crescimento e de desenvolvimento, sendo marcada por um momento em que ocorre uma re-aceleração do crescimento – mais designado como puberdade (Medeiros, 2000), onde o corpo passa por uma série de modificações, cuja principal finalidade é a possibilidade de concepção. Em termos biológicos, é a fase de maior velocidade de crescimento (Conti, Gambardella & Frutuoso, 2005). É a activação do sistema endócrino que provoca as alterações biológicas aqui presentes, com o concomitante aumento da estatura e do peso, verificada primeiramente nas raparigas e só depois nos rapazes. Verifica-se que o crescimento de rapazes e raparigas é diferente, o que origina diferentes formas corporais. Nos rapazes dá-se o aumento dos testículos e do pénis, a mudança de voz, começam a ocorrer ejaculações nocturnas, as erecções passam a ser mais frequentes e verifica-se um maior crescimento de pilosidade nas diversas partes do corpo. Nas

raparigas dá-se o aumento da genitália externa, surge a primeira menstruação, dá-se o crescimento de pêlos púbicos e axilares, e uma mudança geral na forma do corpo, aumentando a pélvis, alargando os quadris e desenvolvendo-se mais gordura cutânea (Medeiros, 2000). Em ambos os sexos verificam-se mudanças ao nível da pele, com surgimento do acne, assim como o crescimento esquelético, a presença de gonadotrofinas na urina e a presença de um odor corporal mais forte (Medeiros, 2000). Desta forma, toda esta enorme quantidade de alterações físicas e corporais têm repercussões directas na imagem e na satisfação do adolescente com o seu corpo, pelo que é necessário que seja feita uma incorporação da sua nova imagem corporal, da sua capacidade reprodutiva e da sua energia sexual emergente como factores constitutivos da sua identidade (Conti, Gambardella & Frutuoso, 2005). A própria precocidade ou retardamento do surgimento destas modificações é algo que também tem influência na aceitação corporal, na auto-imagem e nos próprios comportamentos e atitudes sexuais, o que se pode reflectir na dimensão sócio-afectiva dos adolescentes (Medeiros, 2000).

1.1. Namoro na adolescência

Com o intuito de esclarecer e definir *à priori* o conceito de relacionamento ou namoro na adolescência, Straus (2004), define a situação de namoro:

“como um relacionamento dinâmico, que envolve um conhecimento com propósito de socialização, bem como o de obter companhia para desenvolver actividades, com um carácter explícito ou implícito de perpetuar a relação amorosa, até ao momento em que uma das partes termine, ou até ao momento que um outro tipo de relação (e.g. viver em união de facto, noivado, casamento) com outro grau de importância se imponha”.

Ainda segundo Straus (2004), as normas sociais que regem a situação de namoro e comportamento de namoro diferem de acordo com muitas dimensões, incluindo diferenças individuais, raciais/étnicas, sócio-económicas, marcos históricos e contextos culturais. Embora seja possível verificar diversas diferenças ao nível da definição da situação de namoro, existem também vários pontos em comum. Por exemplo, Straus (2004) salienta o facto de ser uma relação diádica em que ambas as partes costumam investir tempo e energia. Relativamente aos processos sociais de interacção

característicos das relações de namoro, estes podem ser mediados das mais diversas formas como, por exemplo, pelo poder paternal, que do ponto de vista ocidental se pode considerar uma obrigação, bem como podem ser mediados pela internet ou pela iniciativa que existe por uma das partes.

As experiências de namoro na adolescência, segundo Connolly, Craig, Goldberg, e Pepler (1999), começam com a incursão na vida social, especificamente quando os jovens começam a sair em pequenos grupos mistos. Alguns jovens não estão preparados para desenvolver uma relação de namoro, de um para um, durante a adolescência, apenas mais tarde, perto da idade adulta e com a entrada para o ensino superior, sendo só nessa altura que alguns jovens se sentem capazes de se fixar a um parceiro. A tendência de evolução das relações que os jovens estabelecem uns com os outros até chegarem às relações de namoro é gradual. Inicialmente, os jovens começam por ter encontros casuais, relações que se tornam um pouco formais e públicas, passam por uma fase de relações abertas, que por norma dão lugar a relações mais intensas, e acabam por chegar a uma fase em que estabelecem uma relação de um para um (Ayers & Davies, 2011). A volatilidade dos sentimentos que os adolescentes sentem nas relações de um para um é algo muito comum, na medida em que o fascínio e atracção que podem sentir em relação ao outro, aparece e desaparece com muita rapidez. Como principais desencadeadores das relações amorosas de um para um são apontados diversos motivos, no entanto, os destacados como mais relevantes são a vontade em adquirir alguma independência em relação aos pais, o que pode levar à criação de demasiadas expectativas relativamente ao processo de enamoramento, bem como alguma confusão acerca dos sentimentos que se têm (Mulford & Giordano, 2008); existe também uma forte pressão social que os pode impelir para arranjar um parceiro, sendo que, muitas vezes, este tipo de pressão pode estar relacionada com o facto dos seus pares já possuírem um relacionamento amoroso (Ayers & Davies, 2011).

No geral, o que os diversos estudos revelam (e.g. Close, 2005) é que os jovens não se encontram capazes nem preparados para viver uma relação de namoro de um para um quando efectivamente as começam a ter. Close (2005) revela que os jovens não possuem recursos intra e interpessoais suficientes que lhes permitam gerir a relação e as emoções inerentes à mesma. O que acaba por acontecer é que uma grande parte dos jovens são ingénuos e imaturos, o que faz com que as reacções dentro da relação acabem por ser impulsivas e pouco ponderadas (Ayers & Davies, 2011). Alguns autores (e.g. Caridade et al., 2007; Oliveira, 2009) apontam para o facto dos adolescentes ainda

não terem as capacidades cognitivas necessárias para compreender as diversas *nuances* do relacionamento e podem não ter a compreensão ou discernimento para lidar com a intensidade de suas emoções. De salientar também o facto de ser apontado na literatura que a maturação fisiológica dos adolescentes é abrupta, na medida em que as reacções químicas que ocorrem no seu funcionamento neuronal não permitem que o desenvolvimento cognitivo os acompanhe, o que pode originar um desfasamento (Caridade et al., 2007).

Na adolescência, o conceito de amizade entre sexos está directamente ligado à questão do namoro (Connolly et. al., 1999). Embora os jovens possam ter relações de amizade com o sexo oposto, existe uma ténue barreira entre a amizade e o namoro, uma vez que a sexualidade e o impulso sexual são eminentes nesta fase do desenvolvimento. Apenas é referido o tema da amizade entre sexos opostos, uma vez que neste estudo não são contemplados sujeitos homossexuais. Mesmo a questão do namoro está intimamente ligada às questões sexuais, sendo que uma grande parte dos jovens, quando questionados sobre sentimentos experienciados numa relação amorosa, apenas se foca em questões de atracção física pelo parceiro, namorado ou namorada (Sullivan, 1953, cit. por Connolly et. al, 1999).

2. Estilos Parentais

A família é uma das organizações com mais significado a nível social e também a mais complexa. Trata-se de uma instituição que forma os valores, crenças e atitudes dos membros que a constituem, sendo que experiências vivenciadas nesta entidade social englobam a convivência com as singularidades de cada um dos seus integrantes.

Define-se, então, família como um *grupo* que se diferencia de todos os outros pois apresenta um carácter único e insubstituível, na medida em que, mesmo que por razões diversas os seus constituintes deixem de exercer as suas funções e respectivos papéis, os laços de consanguinidade existentes entre eles nunca se quebram (Brandt, 2001).

Segundo Brandt (2001), cit. por Moncorvo (2008), não existe estágio que provoque mudanças mais profundas ou que signifiquem desafio maior para a família nuclear e ampliada do que a adição de uma nova criança ao sistema familiar. Sendo assim, o nascimento dos filhos representa uma fase de desenvolvimento familiar, ocorrendo este desenvolvimento em sistemas abertos, existindo trocas entre os organismos e o meio.

Após o nascimento de uma criança, os progenitores têm como um dos principais objectivos a adaptação da criança às características do meio social, ou seja, a sua socialização. Este é um processo que decorre, primeiramente, no seio da família, onde os progenitores têm um papel fulcral, nomeadamente nos processos de vinculação que, segundo Bowlby, permitem às crianças desenvolver a capacidade para estabelecer relações emocionais próximas, sendo estas essenciais para o desenvolvimento humano e de extrema importância para a saúde mental ao longo da vida (Veríssimo & Salvaterra, 2006).

Sendo a família considerada como uma unidade básica, dentro da qual a criança conhece e assimila a vida social envolvente, o seu desenvolvimento social está associado ao modo como lida com o meio em que está inserida, tendo por base determinados factores, como a relação conjugal dos pais, a existências de irmãos, entre outros.

A teoria dos sistemas é uma forma relevante de pensar a família, assim como a influência que esta tem sobre os seus membros (Minuchin, 1988, cit. por Schaffer, 1996; Sameroff, 1983, cit. por Schaffer, 1996). Em 1981, Belsky propõe que na teoria dos sistemas a circularidade da influência é um dos princípios básicos (Schaffer, 1996), uma vez que o comportamento de uma criança é afectado pelos pais e vice-versa, logo, todos os aspectos deste sistema estão interligados, tendo sido realizados vários estudos nesta área.

Estudos realizados por LeVine, Charnov, Pleck & Lamb (2011) mencionam que é importante estabelecer distinções entre três objectivos que, de uma forma implícita ou explícita, os pais devem ter em conta na educação dos seus filhos, são eles: a sobrevivência, onde os pais asseguram que a criança permaneça viva e saudável o maior tempo possível de modo a, também ela, gerar filhos; o bem-estar económico, em que os pais tentam que os filhos adquiram as aptidões e o conhecimento essenciais para a auto-suficiência económica enquanto adultos; e a auto-actualização, onde os pais tentam que os filhos adquiram diferentes tipos de valores culturais, tais como a moralidade e o prestígio, a fim de alcançarem a sua própria realização pessoal. Segundo este autor, estes três objectivos são hierárquicos, isto é, os pais só se preocupam com os últimos objectivos quando os primeiros estão satisfeitos, sendo o principal objectivo a sobrevivência (Schaffer, 1996).

Marcoby & Martin (1983), cit. por Schaffer (1996), concluíram que existem dois aspectos essenciais associados aos comportamentos parentais, a

permissividade/severidade e o calor humano/hostilidade. A primeira está ligada ao grau de liberdade, ou seja, se os pais toleram tudo o que a criança faz e não existem regras impostas ou se, por outro lado, as crianças estão submetidas a regras rígidas, sem tolerância à desobediência. Em relação ao calor humano/hostilidade, constatou-se que este se encontra ligado ao amor que é demonstrado, ou seja, se os pais expressam de livre vontade o que sentem, dão facilmente elogios e aprovam o que os filhos fazem ou se, por outro lado, os pais são hostis e acabam por se distanciar dos filhos.

Baumrind (1966) definiu a existência de diferentes combinações entre estes comportamentos parentais, surgindo então três padrões de estilos parentais que podem ser definidos como: autoritário, permissivo e autoritativo. Os progenitores podem ser então classificados com base em determinadas características, nomeadamente, a sensibilidade, a capacidade de resposta, ternura, afecto, disponibilidade e protecção excessiva.

Baumrind (1966) definiu os pais autoritativos como sendo aqueles que tentam direccionar as actividades das suas crianças de maneira racional e orientada; incentivam o diálogo, compartilhando com a criança o raciocínio por detrás da forma como eles agem, solicitam as suas objecções quando ela se recusa a concordar; exercem um controlo firme nos pontos de divergência, apresentando a sua perspectiva de adulto sem restringir a criança, reconhecendo que esta possui interesses próprios e maneiras particulares; não baseiam as suas decisões em consensos ou no desejo da criança.

Segundo Baumrind (1966), os pais autoritários, modelam, controlam e avaliam o comportamento da criança de acordo com regras de conduta estabelecidas e normalmente absolutas; estimam a obediência como uma virtude e são a favor de medidas punitivas para lidar com aspectos da criança que entram em conflito com o que eles pensam ser certo.

Para Baumrind (1966) os pais permissivos, tentam comportar-se de maneira não-punitiva e receptiva diante dos desejos e acções da criança; apresentam-se para ela como um recurso para realização dos seus desejos e não como um modelo, nem como um agente responsável por moldar ou direccionar o seu comportamento.

Os comportamentos dos pais, isto é, os seus estilos parentais vão influenciar de diversas formas os comportamentos das crianças, ou seja, afectam o seu desenvolvimento a nível social, cognitivo e emocional (Baptista, 2000, cit. por Camacho & Matos, 2006). Baumrind (1991) defende que crianças com tendência a ser mais auto-confiantes, socialmente responsáveis e mais cooperantes tinham pais

competentes, o que permite concluir que os estilos parentais são responsáveis pelo desenvolvimento de determinadas características infantis.

Os resultados obtidos por Tyler, Brownridge e Melander (2011) indicam que os sujeitos que experimentam níveis mais baixos de afecto parental são mais propensos a apresentar comportamentos anti-sociais, tais como delinquência e abuso de drogas, embora apenas a delinquência se relacione com a perpetração de comportamentos violentos no namoro. Estas conclusões são consistentes com estudos realizados anteriormente, que suportam uma relação do efeito de comportamentos anti-sociais sobre a perpetração de comportamentos violentos no namoro (Simons, Lin, & Gordon, 1998, cit por Tyler et al., 2011). Tyler e colaboradores (2011) fazem referência a diversos estudos cujos resultados indicam que a educação parental está positivamente correlacionada com o futuro comportamento que os jovens terão na sua vida de namorados. Da mesma forma, o modelo de relação entre os pais pode ser fundamental nas atitudes que os jovens têm relativamente à perpetração ou vitimização da violência.

3. Violência

Inerente à condição humana, a violência é uma preocupação social antiga que atravessa toda a história e evolução do homem. Diferentes e variados são os marcos históricos que revelam os actos violentos e atrozes que o homem é capaz contra ele mesmo, exemplo disso jazem em obras literárias antigas como, por exemplo, a Bíblia.

Pode considerar-se a violência como um tema de pesquisa de carácter relevante, na medida em que se apresenta como um grave problema social com repercussões de carácter físico, psicológico e social. Justamente por se tratar de um assunto que não pertence a nenhum campo específico de conhecimento, o estudo deste fenómeno é uma tarefa árdua e desafiadora em virtude das necessidades que se fazem sentir nas diversas perspectivas e nas distintas áreas de conhecimento (Amorim, 2006).

O conceito de violência é claro e esclarecedor para a maioria, no entanto, na actualidade, verifica-se que os constructos de violência e agressividade se misturam, deixando uma linha pouco clara quanto à distinção de significado entre ambos. De uma forma geral, ambos os constructos apresentam algumas semelhanças quanto ao seu significado sendo que, segundo Ballesteros (1993, cit. por Ribeiro, 2007), existe incontestavelmente uma interacção entre violência e agressividade, destacando-se, em

ambas, a existência de uma vítima e a noção de dano ao semelhante (Pain, 2006, cit. por Ribeiro, 2007).

Etimologicamente, a palavra violência vem do latim *vis* que significa violência, mas também força, vigor, poder. Fischer (1994, cit. por Ribeiro, 2007), concebe a violência como “o recurso à força para atingir o outro na sua integridade física e/ou psicológica”. Tendo em conta esta afirmação, podemos considerar que a violência é um modo específico de força, isto é, o emprego de meios físicos para afectar o outro, sendo utilizada como meio de coacção para se conseguir extrair algo. Esta coacção feita no outro, segundo Fullat (1988) cit. por Ribeiro (2007), procura provocar alteração, seja ela consciente ou inconsciente, nesse mesmo outro, que acaba por se subjugar à vontade da fonte de violência, seja de forma inconsciente, ou simplesmente devido à coacção física, por vezes bruta, por parte de quem instala a violência. As alterações que se procuram, por meio da violência, infligir no objecto da violência concernem na esfera cultural, física e moral, e são alterações feitas na base da interacção. Ou seja, o ato violento preconiza-se na base de uma relação, no mínimo entre dois sujeitos, sendo que a posição interactiva do agressor, aquele que promove a violência, é assimetricamente privilegiada.

É importante salientar algo que segundo Fernandez (1998, cit. por Ribeiro, 2007), ressalva em relação à posição privilegiada do agressor na relação em que a violência se instala. Apesar de assimétrica e privilegiada, esta posição não pressupõe que apenas a vítima seja afectada pela violência. De acordo com esta autora, o fenómeno da violência não é natural pois transcende a acção individual, provocando dano tanto a quem exerce como em quem a sofre. Perpassa ainda a noção de um comportamento injustificado mas justificável, que prejudica tanto o sujeito como o objecto da agressão pois “a violência define-se pela intensidade e seriedade do dano causado, caracterizado pela sua dimensão descomedida, seguido de justificações para o ato praticado” (Gunter, 1985, cit. por Ribeiro, 2007).

Diversos são os autores que salientam a acoplação de variáveis sociais e psicológicas ao fenómeno da violência. Deste modo, uma das explicações que se pode dar a este fenómeno está relacionado com o facto dos membros integrantes de uma sociedade, que pertencem a classes sociais distintas, apresentarem interesses divergentes, o que os leva frequentemente ao confronto. No entanto, a violência não ocorre somente entre os membros das classes sociais existentes. Segundo Freud (1986), esta é inerente ao homem, constituindo uma expressão da pulsão de morte. Existe em

todos nós uma tendência que nos leva a querer eliminar toda a tensão existente (dentro e fora de nós), que seria uma das formas que Freud encontrou para explicar a agressividade voltada para si mesmo e para os outros; essa tensão é incrementada pelo sofrimento gerado ao homem por três fontes: o sentimento da fragilidade do corpo; a força imensurável da natureza e as relações sociais. Kant (1992) acaba por argumentar na mesma linha de raciocínio de Freud sendo que, para ele, essa tensão é inerente ao homem que detém uma natural “sociabilidade insociável”, ou seja, sente-se bem com os outros e prazer em maltratá-los. Desta forma, e recorrendo a uma conclusão de Marcuse (1981), pode-se afirmar que, ao analisar a argumentação freudiana, uma sociedade que gere menos tensão, terá menos expressão da pulsão da morte, terá menos violência.

O conceito de agressividade relaciona-se com a noção de acção, algo que o sujeito faz para se impor, para conseguir afirmar-se perante uma determinada situação (Pain, 2006, cit. por Ribeiro, 2007). Apesar da conotação negativa que a agressividade costuma ter, num lato senso, esta acção pode ser avaliada de um ponto de vista positivo, na medida em que é inerente ao homem e consequentemente à sua sobrevivência, completando o ser humano e fazendo parte da sua essência (Pereira, 2001, cit. por Ribeiro, 2007).

“A distinção entre violência e agressividade aparece por vezes fundamentada através da finalidade destas, isto é, a violência tem como objectivo a destruição do outro, enquanto que a agressividade sustenta a própria sobrevivência do indivíduo (Norton, 1991; Modia & Campos, 1998). Esta acção apresenta a agressividade com carácter positivo relativamente à própria violência.”

(Ribeiro, 2007).

Retomando o que foi escrito anteriormente, podemos dizer que a violência encontra-se nas instituições sociais e nos indivíduos. Nas instituições é mediada pela hierarquia social que classifica e ordena os homens em conformidade com a classe social a que pertence e às suas competências. A hierarquia social, ao classificar os homens em inferiores e superiores, deve tornar os primeiros submissos e os últimos comandantes; deve-se sublinhar que, na hierarquia, quase todos mandam em alguém e são mandados por outros. Ao nível individual, isso expressa-se pelo sadomasoquismo que, nesse caso, suscita o prazer de mandar e o prazer de se submeter (Horkheimer & Adorno, 1985, cit. por Crochík, 2011). Apesar da relação entre a estrutura social e a

constituição psicológica não ser imediata, cabe lembrar a afirmação de Adorno (1991) de que a sociedade leva os homens às regressões psíquicas que necessita a cada momento; como a individuação só pode ocorrer pela incorporação da cultura e depende da estrutura social, a constituição do indivíduo não se reduz, mas é determinada por factores sociais e culturais.

Com base em Crochík (2011), Adorno (1995) e Bleichmar (2008) indicam que há um tipo de violência necessária, racional, que se contrapõe a outras formas de violência presentes para a manutenção da dominação social. Dessa forma, a crítica deve ser dirigida ao tipo de violência que destrói a cultura e, conseqüentemente, desestrutura o indivíduo. A violência que aniquila o homem é a que se volta contra o tempo, contra a ideia de um projecto, é a que reduz o homem ao presente. Nas palavras de Bleichmar (2008) “A violência é produto de duas coisas: por um lado, o ressentimento pelas promessas não cumpridas e, pelo outro, a falta de perspectiva de futuro” (com base em Crochik, 2011).

Se a violência tem sido constante, na medida em que é inerente à condição humana, a escola é uma das instituições que tem como objectivo desenvolver a civilidade na sua população alvo, os alunos, isto é, a possibilidade de os homens conviverem pacificamente e discutirem as suas divergências de forma pacífica, por meio de normas aceites colectivamente. As leis, regras e normas, conforme se enunciou anteriormente, são estabelecidas em situações sociais contraditórias e baseadas no conflito. Os indivíduos também detêm certa quota de violência para enfrentar o seu próprio sofrimento, procedente da renúncia que fazem dos seus próprios desejos, de modo a conseguirem viver em colectividade. Dessa forma, a tensão entre a tendência ao progresso das relações humanas e os conflitos sociais e psíquicos prossegue. Com a escola, assim como com qualquer outra instituição social, não poderia ser diferente: a violência também se apresenta nela sendo um local propício e adequado à observação de diversos fenómenos de violência existentes entre os mais jovens.

O estudo da violência realiza-se a partir de três grandes vertentes que se subdividem em várias ramificações, dando origem a formas cada vez mais específicas da própria violência: a física, a psicológica e a moral (Michaud, 1989, cit. por Amorim, 2006). O desrespeito em alguma dessas esferas parece ser um ingrediente indispensável para se considerar que uma situação possa ser definida como violenta. Como tal, pensar a violência, ou a sua expressão, do ponto de vista físico, é algo extremamente redutor.

“Tentamos dar uma definição que dê conta tanto dos estados quanto dos actos de violência: Há violência quando, numa situação de interacção, um ou vários actores agem de maneira directa ou indirecta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou várias pessoas em graus variáveis, seja na sua integridade física, seja na sua integridade moral, nas suas posses, ou nas suas participações simbólicas e culturais”

(Michaud, 1989, com base em Gazaniga, Silva & Paulini, 2009).

Segundo a Organização Mundial de Saúde (2001), a violência pode ser definida como “o uso de força física ou poder, em ameaça ou na prática, contra si próprio, outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade que resulte ou possa resultar em sofrimento, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação”. Esta é uma definição conveniente e amplamente usada na comunidade científica uma vez que permite comparar resultados e uniformizar discussões, na medida em que é mais fácil debater e cruzar informações quando a definição usada por toda a comunidade é idêntica, acabando desta forma por se prevenir algum enviesamento derivado da definição. Se for lida com atenção, esta definição é ampla e abrangente, na medida em que a introdução da palavra "poder", completando a frase "uso de força física", amplia a natureza de um acto violento e expande o conceito usual de violência para incluir os actos que resultam de uma relação de poder, incluindo ameaças e intimidações. O "uso de poder" também leva a incluir a negligência ou actos de omissão, além dos actos violentos mais óbvios de execução propriamente dita. Assim, o conceito de "uso de força física ou poder" deve incluir negligência e todos os tipos de abuso físico, sexual e psicológico, bem como o suicídio e outros actos auto-infligidos (Dahlberg, & Krug, 2007).

Inerente à definição e ao fenómeno da violência, temos os seus intervenientes, bem como as várias representações sociais da violência. Determinadas culturas contemplam na sua forma de educar as novas gerações comportamentos considerados violentos, por vezes como punição, outras como rituais de iniciação a algo, no entanto, existe sempre uma variável pouco controlada nesta questão da violência, que é a individualidade de cada um. Podemos sempre questionar se a tolerância à violência, mesmo dentro de culturas mais violentas, é cultural ou se depende de cada indivíduo, e nesse momento passa a adquirir um carácter individual. O que realmente se pode concluir é que o factor social exerce influência sobre as representações que cada um tem

da violência, no entanto, cada sujeito tem o livre arbítrio de anuir, ou não, com a cultura em que se insere.

Relativamente aos possíveis intervenientes numa situação de violência, Albisetti (2008) considera quatro tipos distintos de intervenientes numa cena de violência: vítima, agressor, testemunha e pacificador. Segundo este autor, a vítima está numa posição que, de um modo geral, todos referem como de fácil identificação mas, na realidade, Albisetti (2008), refere que apenas é fácil de identificar no caso de a vítima assumir este papel objectivamente, como por exemplo uma criança abusada, ou uma pessoa espancada. Nestes casos a identificação é fácil, mas quando se trata de uma vítima que acaba por se defender de alguma forma do seu agressor, o papel pode ficar difuso, e deparamo-nos com uma intermitência de papéis, onde a vítima pode assumir o papel de agressor por momentos, e vice-versa. Desta forma, Albisetti (2008) refere que cada um de nós pode vestir alternamente o papel de vítima, de agressor, de testemunha e de pacificador. O agressor também não apresenta um papel muito claro, muito definido, pode-se sempre colocar a questão “Quem começou?”. A ideia principal a reter relativamente ao “desempenho” destes papéis, é que a posição que é tomada não é linear, existem sempre diversas formas de ver a situação. Neste sentido, só compreendendo a dinâmica da violência é que se consegue entender e definir com clareza os intervenientes na mesma; a testemunha é um dos intervenientes considerados secundários. Podem ser consideradas como testemunhas as pessoas que vão na rua e assistem a uma cena violenta, alguém que no trabalho testemunha o stress excessivo a que um colega está exposto ou, até mesmo, de um ponto de vista mais económico, alguém que vai fazer compras e assiste o comerciante fazer a venda sem passar factura. A testemunha acaba por estar envolvida na trama da cena de violência, na medida em que sofre a tensão e é colocada perante o dilema de denunciar ou não o que assistiu Albisetti (2008). Por último, outro interveniente na cena de violência é o pacificador, que embora pareça ter um papel desnivelado dos outros intervenientes, a realidade é que acaba por, talvez inconscientemente, ser condicionado pelos outros actores e pela mesma dinâmica situacional violenta em que todos os intervenientes estão envolvidos. Os quatro intervenientes podem existir ou não na mesma cena de violência, sendo o pacificador e as testemunhas duas peças não fundamentais para que possa ocorrer violência (Albisetti, 2008).

3.1. Diferentes Perspectivas Teóricas sobre a Violência

Cada área de estudo encara o fenómeno da violência e aborda o seu entendimento de variadíssimas formas. Dependendo da perspectiva em questão, pode-se incluir no fenómeno eventos distintos como homicídio, violência doméstica ou guerras. O objectivo comum de todas as abordagens teóricas prende-se com a compreensão do fenómeno da violência; de uma forma ou de outra, todos tentam explicar a violência e o que ela encerra em si. Em seguida serão apresentados alguns modelos explicativos da violência, uns mais antigos, outros mais recentes, não numa tentativa de explorar aprofundadamente cada um, mas de forma a que se consiga compreender e ter um “estado da arte” sobre a forma como cada abordagem compreende e explica a temática da violência.

Etologia

Em crescimento exponencial nos anos 30 e 40 do século XX, a Etologia é marcada por autores como Darwin, Konrad Lorenz e Karl Von Frisch que ergueram modelos e conceitos teóricos explicativos na área da biologia animal e humana. Surgem discussões sobre o conceito de instinto, diferenciando-o de um reflexo, que é considerado uma simples resposta dada instantaneamente pelo organismo a algum estímulo, sem o envolvimento de um centro cerebral (como o reflexo patelar, nos adultos, ou a fuga à asfixia, em bebés). Com o evoluir dos conceitos, houve a tendência para concluir que o comportamento humano é controlado pelos mesmos mecanismos que guiam o comportamento dos demais animais, colocando o homem lado a lado com o animal e com uma linha muito ténue a separar as espécies. A etologia acaba por atribuir à violência um carácter biológico e instintivo, por vezes reducionista.

Não tardaram as críticas no que respeita à utilização do termo instinto, sem qualquer reserva, no que se refere às influências biológicas no comportamento agressivo em seres humanos. Um exemplo de simplificação é o “instinto da agressão”, que foi descrito por Lorenz (1966), não como um princípio diabólico que tem por finalidade a destruição e a morte, mas como um contribuinte da preservação e organização da vida. A função preservadora, tendo em conta as lutas entre espécies, é ainda mais evidente na agressão intra-específica. Para Lorenz (1966), as funções básicas do comportamento agressivo animal são reguladas pelos instintos de hierarquia, territorialidade e defesa da prole. Eles irão agir, ou serão suprimidos, de acordo com a situação em que o animal se encontra. Para Lorenz (1966), as pulsões agressivas são o resultado da *pressão da selecção intra-específica*, que fez surgir no homem, há muito tempo atrás,

comportamentos desta ordem, hoje em dia sem espaço de existência na sociedade actual. Finalmente, outra contribuição da etologia está relacionada com a definição de diferentes classes de comportamento agressivo. A classificação mais amplamente reconhecida é a de Moyer (1983), diferenciando o comportamento agressivo em predatório, territorial, inter-machos, defensivo, induzido pelo medo, maternal, irritável e instrumental. Para este autor, cada subtipo é controlado por substratos neuroanatómicos e neuro-químicos distintos e, algumas vezes, sobrepostos.

Psicanálise

Embora inicialmente Freud não tenha dado demasiada importância à temática da violência, quando lança *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, o autor começa a debater a questão da violência inerente à constituição do sujeito. Freud sugere que a criança, durante a fase sádico-anal, desenvolve um componente de crueldade da pulsão anal, sendo esta componente não direccionada para infligir o sofrimento no Outro, mas directamente relacionada com a ausência de preocupação com o sofrimento do Outro (Freud, 1989). Algo que o autor referiu como sendo natural no desenvolvimento do eu, na medida que apenas tardiamente a criança acabaria por adquirir a maturidade intrapsíquica que lhe possibilitaria deter a sua pulsão de dominação do Outro, e deixar-se afectar pelo sofrimento do próximo. Algo que remete a explicação do fenómeno da violência para algo comum ao desenvolvimento do ser humano, mas único na forma como afecta a constituição subjectiva do individuo.

Behaviorismo

A ideia central da teoria Behaviorista relativamente à violência concentra-se no conceito de frustração. Enquanto a Psicanálise se concentrava na pulsão de morte, uma energia psíquica, cuja capacidade de mensuração não havia sido referida por Freud, os comportamentalistas referiam que a frustração produz energia agressiva e esta, por sua vez, instiga o comportamento violento (Miller, Sears, Mowrer, Doob, & Dollard, 1941). No entanto, é importante compreender que, do ponto de vista do comportamento, a frustração não é a causa imediata do comportamento violento. A manifestação de um acto agressivo vai depender, entre outras coisas, da posição hierárquica ocupada pela instigação à agressão, provocada pela frustração, ou seja, a prioridade que é atribuída a essa instigação, a essa fonte despoletadora de violência é que vai permitir sustentar, ou não, a acção violenta. Já a intensidade da resposta irá variar de acordo com diversos factores:

a força com que se tenta chegar a um objectivo, o valor atribuído a este e o grau de interferência (Miller et.al, 1941).

Aprendizagem Social

Tendo em conta uma outra perspectiva, na qual a agressividade não depende de impulsos internos nem é provocada pela frustração, Bandura desenvolveu a teoria da aprendizagem social (com base em Tedeschi & Felson (1994). Para este autor, a maior causa da violência é o incentivo e as recompensas oferecidas pelos actos. A pessoa, frente a uma situação identificada, pesa os benefícios e os custos potenciais em expressar um comportamento violento. Caso os benefícios sejam maiores, ela optará pela violência, a fim de atingir os mesmos. Segundo Tedeschi & Felson (1994), Bandura (1983) não concorda com a existência de um impulso inato de agressão diante de um estímulo aversivo, afirmando que os actos extremamente violentos não podem ser espontâneos, mas precisam ser aprendidos e treinados para que sejam executados. Além disso, eles são aprendidos lentamente e necessitam de modelos que os pratiquem (família, sociedade ou ídolos), que demonstrem tipos de acções que são recompensadoras ou passíveis de punição.

A aprendizagem da violência através da modelação (aprendizagem vicariante), dá-se através de quatro processos interligados: 1) o indivíduo deve estar atento às dicas ou pistas que lhe são dadas; 2) as observações devem ser codificadas de alguma forma, a fim de serem representadas na memória; 3) estas representações são transformadas em padrões de imitação de comportamento; 4) são necessários incentivos apropriados à actuação do que foi aprendido (Bandura, 1983, cit. por em Tedeschi & Felson, 1994). Ao seleccionar o tipo de modelo a ser seguido, a pessoa é mais inclinada a utilizar critérios como inteligência e *status*, sendo mais provável que alguém que ocupe uma posição mais alta que a dela na hierarquia social seja o modelo eleito.

A longo prazo, o que o modelo de aprendizagem social nos pode indicar é que a maior parte dos comportamentos humanos aprendidos é adquirida através da instrução directa e da observação dos comportamentos de outras pessoas. Na prática, no que respeita à violência, esta teoria permite-nos compreender que poderá existir uma maior tendência para abusar quando os sujeitos cresceram imersos num contexto social violento (Oliveira, 2009).

Cognitivismo Neo-Associacionista

Berkowitz foi quem levou a cabo a tarefa de tornar mais claro o conceito de frustração, anteriormente proposto pela corrente comportamentalista. Para este autor, experiências desagradáveis são reconhecidas e acabam por gerar um afecto negativo que desencadeia tendências relativamente primitivas de luta e fuga, consideradas como redes de componentes emocionais, cognitivos, fisiológicos e motores associativamente ligados (Geen & Donnerstein, 1998).

De acordo com Geen & Donnerstein (1998), a perspectiva neo-associacionista procura explicar um potencial de violência que havia sido previamente abordado a partir da utilização de outros constructos, como a frustração, oferecendo um mecanismo causal através do conceito de afecto negativo. Na concepção de Berkowitz, nem toda a frustração leva necessariamente à expressão do comportamento agressivo, pois nem sempre a frustração apresenta um carácter aversivo, dependendo basicamente de como o sujeito experiencia determinado evento.

Podem ser utilizados, então, dois sistemas de comportamento agressivo: agressão reactiva ou afectiva e agressão instrumental. O primeiro sistema refere-se à reacção agressiva provocada por estímulos aversivos, de tal forma que a agressão consiste na propensão inata de atacar impulsivamente a fonte do estímulo aversivo, ou outro alvo qualquer. Um indivíduo irá expressar menos agressividade logo após ter dado uma resposta agressiva - pois o objectivo de agredir foi atingido, mas isto não o impedirá de ser mais agressivo da próxima vez que for estimulado (Berkowitz, 1984, cit. por Kristensen, Lima, Ferlin, Flores & Hackmann, 2003). O componente raiva, neste modelo, actua não como determinante da resposta violenta, mas como um facilitador desta. O estímulo negativo exercido sobre uma pessoa será avaliado por um sistema de cognições associadas e este a induzirá, com mais ou menos intensidade, dependendo do estímulo, a reagir agressivamente (Berkowitz, 1993, cit. por Kristensen, et.al, 2003). Por outro lado, Berkowitz explora um segundo sistema de comportamento agressivo: a agressão instrumental. Ao invés de uma reacção, trata-se aqui de um comportamento aprendido com o objectivo de alcançar recompensas e evitar punições. Embora o sistema de agressão instrumental se estabeleça a partir do sistema anterior, é o sistema de agressão reactiva impulsiva aquele mais significativo na compreensão dos comportamentos violentos em humanos (Tedeschi & Felson, 1994).

3.2. Violência no Namoro e a sua Tipologia (física, verbal e sexual)

Segundo Caridade e Machado (2006), são diversos os estudos que comprovam que os jovens em situação de namoro vivenciam múltiplas formas de abusos ou violência durante as relações, nomeadamente, física, psicológica, verbal e sexual. As formas de violência experienciadas pelos jovens durante um relacionamento íntimo ou de namoro, embora possam ser caracterizadas por actos menos graves, como refere Gelles (1997), não deixam de ter uma representação significativa relativamente à sua ocorrência. Numa tentativa de detalhar os tipos de violência experienciados no namoro, Price e colaboradores (1999) analisaram várias investigações, concluindo que o abuso verbal se situa entre os 11% (Bergman, 1992) e os 15% (Mercer, 1988), o abuso físico varia entre os 9% (Rosco & Calhan, 1995) e os 43% (O'Keefe, 1997) e o abuso sexual oscila entre os 16% (Bergman, 1992) e os 20% (Mercer, 1988).

Pode considerar-se como abuso físico o uso de ameaça ou força física, ou restrição levada a cabo no sentido de causar dor ou ofensa a outrem (Sugarman & Hotaling, 1998, cit. por Straus, 2004). A violência física caracteriza-se pelo infligir de comportamentos que têm como principais consequências o dano físico à vítima, sendo as práticas mais comumente usadas os murros e bofetadas, o pontapé, tentativas de estrangulamento, o empurrão, o puxar de cabelos ou as mordeduras. Também podem ser usadas armas brancas ou de fogo, entre outras. O dano físico traduz-se, designadamente, pela presença de equimoses, hematomas, queimaduras, fracturas ou lesões internas (Lourenço & Carvalho, 2001), podendo, em casos mais extremos, implicar cuidados e tratamentos médicos, por vezes, com desfecho fatal.

São diversos os estudos que revelam que há uma prevalência significativa de casos de agressão física durante o período de namoro ou relação amorosa. Bergman (1992), numa amostra pré-universitária americana, verificou que homens e mulheres sofreram abuso físico por parte do companheiro, existindo uma predominância de agressões direccionadas aos sujeitos do sexo feminino. Carver (2000), também num estudo pré-universitário, revela que existe um número elevado de mulheres que se encontram envolvidas em relações amorosas violentas. No âmbito da prevenção da violência física, alguns estudos, como o de Straus (2009), revelam que, em ambos os sexos, é pertinente actuar no perímetro das formas de violência física menos graves ou menores, dado que são as mais frequentes e antecedentes de comportamentos mais graves, bem como a constatação de que a maioria das situações de violência nos relacionamentos são mútuas.

A violência sexual constitui um problema que atinge todas as camadas sócio-económicas da sociedade. Inerentes à violência sexual, estão actos como a violação, acompanhada de penetração vaginal, oral e/ou anal, levada a cabo através da força, e recorrendo por diversas vezes a ameaças e à coerção e violência físicas (Koss, 1993, cit. por Oliveira, 2009). A violência sexual pode não incluir contacto físico, podendo traduzir-se, por exemplo, em assédio, actos sexuais de relevo ou discriminação sexual. As marcas físicas e psicológicas da violência sexual são de certa forma permanentes, não fazendo apenas referência a ferimentos, infecções sexualmente transmitidas ou gravidezes não desejadas. Não esquecendo que o uso da coerção psicológica e do poder é algo bastante frequente, sendo em muitos casos uma estratégia a que o agressor recorre para confundir a vítima (APAV, 1998). A vítima poderá, assim, desenvolver sintomatologia diversa, como: sentimentos de solidão, vulnerabilidade, desânimo e culpa, sintomas de perturbação de stress pós-traumático, medo, ansiedade, baixa auto-estima e/ou dificuldades de adaptação social (Matos, Negreiros, Simões & Gaspar, 2009).

Podem ser considerados alguns estudos que revelam a prevalência da violência sexual na situação de namoro, embora em alguns dos casos se possa notar alguma informação contraditória. Por exemplo, alguns autores documentam como sendo mais comuns no namoro actos "menos graves", como empurrar e esbofetear (Gelles, 1997, cit. por Matos, Machado, Caridade & Silva 2006); outros, por sua vez, indicam que a violação e outras formas de abuso sexual são mais comuns e/ou mais relatados pelos jovens envolvidos em relações de namoro do que noutro tipo de relacionamentos (Berry, 2000; Michael, 1994, cit. por Matos et al., 2006). Paiva e Figueiredo (2004) revelam que o abuso ou coerção sexual são considerados pelos jovens como a segunda forma de violência mais prevalente numa relação de namoro, tendo 25,6% da amostra do estudo revelado perpetrar este tipo de comportamentos ou já ter sido vítima dos mesmos.

A violência psicológica inclui comportamentos de rejeição, depreciação, discriminação, humilhação, desrespeito, punições exageradas, isolamento, culpabilização, castigos ou ameaças de abandono, gritos, insultos, crueldade mental, referências preconceituosas a determinadas condições da vítima como, por exemplo, a cor ou a algum tipo de deficiência (APAV, 1998). Trata-se de um tipo de agressão que não deixa marcas corporais visíveis, mas emocionalmente causa "cicatrizes" inextinguíveis para toda a vida, corroendo

assim a auto-confiança e a auto-estima da pessoa (APAV, 1998). Apesar deste tipo de abuso ser difícil de diagnosticar e provar, deixa sequelas psicológicas gravíssimas. A gravidade destes abusos varia em virtude do grau de violência exercida sobre a vítima e normalmente combina vários tipos de abuso, pois sempre que existe abuso físico, considera-se que existe abuso psicológico (Lourenco & Carvalho, 2001).

A violência no namoro é uma problemática actual e com muito ênfase na literatura científica, talvez por se ter reconhecido que uma das grandes contradições humanas é que as maiores e mais severas ofensas pessoais ocorrem no contexto de supostas relações de amor, onde o grau de cumplicidade, dedicação e intimidade é elevado (Arriaga & Stuart, 1999, cit. por Oliveira 2009). A literatura revela que os fenómenos de violência, além de comuns, ocorrem em larga escala nas relações de namoro (Jouriles, Wolfe, Garrido & McCarthy, 2006).

Os abusos nas relações amorosas entre adolescentes podem ocorrer de diversas formas: psicológica, física e sexual, ou sob a forma de combinações destes três tipos de violência (Jouriles et al., 2006). O facto de se tratar de um comportamento abusivo ou não, em situação de namoro, é algo que está directamente relacionado com as partes envolventes da relação, mais especificamente, com as idades e os graus de maturação e desenvolvimento cognitivo de cada sujeito (Jouriles et al., 2006). Ou seja, a maturidade física, emocional, cognitiva e social influenciam directamente a forma como cada indivíduo se comporta numa relação de namoro (Ayers & Davies, 2011). A interacção desses factores determina como e quando uma simples rotina de socialização passa a torna-se numa situação de namoro, ou quando uma situação de *flirt* passa a ser uma tentativa de se comunicar um interesse mais romântico e sério, ou ainda, quando um comportamento entre dois sujeitos passa de uma situação de plena provocação, para uma situação considerada assédio (Ayers & Davies, 2011).

O que se pode verificar na literatura em geral sobre a temática da violência no namoro é que a maioria dos estudos foram feitos e baseados em conceitos teóricos e instrumentos talhados para aceder a este tipo de dados, mas em população adulta, nomeadamente, casais em situação conjugal ou estudantes universitários. Sears e colaboradores (2006, cit. por Ayers & Davies, 2011) sugerem que os adolescentes encaram as relações de intimidade de forma bastante diferente dos adultos. A diferença entre comportamentos abusivos e não abusivos é muito ténue, na medida em que tanto os rapazes como as raparigas encaram comportamentos de brincadeira e “flirtuosos”

como algo não abusivo mas, a partir do momento em que esses comportamentos causam desconforto, prejudicam ou ofendem alguma das partes, então são considerados abusivos. Ainda segundo os mesmos autores, é possível concluir que os rapazes não tendem a considerar os comportamentos abusivos com base na intenção dos mesmos, ou seja, se um comportamento que tem uma intenção de brincadeira se torna embaraçoso ou ofensivo, os rapazes tendem a relevar tendo por base a intenção da outra parte. No caso das raparigas, independentemente da intenção, estas tendem a perceber os comportamentos com carácter ofensivo sempre como comportamentos abusivos, seja qual for a intenção da outra parte.

Apesar de não existir um limite claro relativamente à idade para determinar em que altura os jovens toleram mais ou menos certos tipos de comportamentos abusivos, Sears e colaboradores (2006, cit. por Ayers & Davies, 2011) afirmam que os rapazes e as raparigas mais novas tendem a perceber os comportamentos de carácter ofensivo e agressivo como partes integrantes de brincadeiras, no entanto, a partir de uma determinada idade os jovens começam a posicionar-se face a este tipo de comportamentos, tornando-se menos tolerantes face aos mesmos. Tem-se verificado que os comportamentos e as formas de perceber a violência no namoro são muito distintas entre adolescentes e adultos. Algumas das principais diferenças que os estudos têm vindo a revelar relacionam-se com o facto de os adolescentes possuírem uma experiência reduzida ao nível de relações de carácter íntimo, comparativamente com os adultos (Lewis & Fremouw, 2001). Por outro lado, a capacidade de resolução de problemas relacionais é ainda imatura, dificultada pela forma egocêntrica e idealista com que os adolescentes tendem a contactar com o outro. Além disso, a forma como se deixam influenciar e guiar pelas opiniões e comportamentos dos pares é algo bastante eminente na forma como tomam as suas decisões, algo menos evidente no comportamento dos adultos (Mulford & Giordano, 2008).

Capítulo II – Problemática e Hipóteses

O conceito de atitudes tem sido bastante estudado na área da Psicologia Social, por diversos autores, desde o princípio do século XX. Segundo Lima (2006), o conceito de atitude é um dos mais antigos e estudados em Psicologia Social e tem servido para dar identidade à Psicologia Social. Neste sentido, em primeiro lugar, é essencial definir este conceito segundo os vários autores que o têm desenvolvido. A definição clássica mais remota deve-se a Thomas e Znaniecki (1915, cit. por Lima, 2006), que entendem por atitude “um processo de consciência individual que determina actividades reais ou possíveis do indivíduo no mundo social”. Allport (1935, cit. por Lima, 2006) afirma que “atitude é um estado de preparação mental ou neural, organizado através da experiência e exercendo uma influência dinâmica sobre as respostas individuais a todos os objectos ou situações com que se relaciona.” Por outro lado, Abelson (1976, cit. por Lima, 2006) apresenta uma perspectiva mais cognitivista, com um carácter mais funcional, defendendo que as atitudes consistem num conjunto de *scripts* relativos a determinado objecto ou situação. Ainda neste sentido, destaca-se a definição de Rosenberg & Hovland (1960, cit. por Lima, 2006) que afirma que “atitudes são predisposições para responder a determinada classe de estímulos com determinada classe de respostas.” Por fim, numa concepção mais recente, Ajzen (1988, cit. por Lima, 2006) refere que “atitude é uma predisposição para responder de forma favorável ou desfavorável a um objecto, pessoa, instituição ou acontecimento.” Neste caso, é dada ênfase à componente afectiva ou avaliativa das atitudes.

Podem então considerar-se três aspectos fundamentais das atitudes. Em primeiro lugar, as atitudes não são comportamentos, isto é, não são directamente observáveis, mas predisposições para se adoptarem comportamentos, ou para os explicarem. Tal como refere Lima (2006), o conceito de atitudes é um constructo psicológico hipotético, que pode ser associado ao processo de inferências feitas a partir da observação de comportamentos. Esta autora salienta que as atitudes são estados internos com alguma estabilidade temporal, que se distinguem dos traços de personalidade por estes serem mais duradouros e estáveis e dos estados emocionais, que se revelam muito passageiros.

O segundo aspecto a destacar é a dimensão afectiva ou avaliativa das atitudes, sendo este um factor muito importante na adopção de um determinado comportamento, resultando de um julgamento que pode ser favorável ou desfavorável. Neste aspecto, deve ainda ser tido em consideração a sua intensidade, podendo levar a posições mais

radicais ou posições mais tímidas. Uma outra característica importante das atitudes diz respeito à sua acessibilidade ou disponibilidade para ser activada automaticamente na memória quando a pessoa se confronta com o objecto atitudinal, sendo relevante para isso a forma como a atitude foi aprendida e a frequência com que é utilizada pela própria pessoa (Lima, 2006).

Por fim, o terceiro aspecto diz respeito à mudança de atitudes. Segundo diversos autores, as atitudes são aprendidas, logo não são estáticas, variando ao longo do tempo. Um dos factores que influencia a mudança de atitudes são os processos de persuasão que resultam do impacto da sociedade na própria pessoa a vários níveis, tais como político e publicitário. Através destes processos, a mudança de atitudes permite uma mudança de comportamentos a curto ou longo prazo.

As atitudes dos indivíduos relativamente à utilização da violência (e.g., o facto de estes acreditarem que a utilização da violência é viável para a resolução de algum conflito) têm sido apontadas de forma recorrente na literatura como um factor de risco para a ocorrência de comportamentos abusivos nos relacionamentos íntimos (e.g., Machado et al., 2003; Lichter & McCloskey, 2004; Saavedra, 2010). Numa amostra portuguesa, Machado e colaboradores (2010) cita um estudo realizado por si e pelos seus colaboradores em 2003, onde refere ter encontrado que 15.5% dos jovens em situação de relacionamento amoroso admitem ter sido vítimas de comportamentos abusivos por parte do parceiro(a), e que 21.7% admitem já ter tido comportamentos abusivos para com o(a) parceiro(a) amoroso(a). Em outro estudo, com uma população universitária, Paiva e Figueiredo (2004) referem ter encontrado elevados níveis de consentimento por parte dos jovens, relativamente ao facto de perpetrarem actos abusivos: perpetração psicológica abusiva (53.8%), coerção sexual (18.9%), e pequenos actos abusivos (16.7%).

Alguns estudos sugerem que nem sempre a relação entre atitudes e comportamentos é linear, já que apenas uma minoria de jovens expressam concordância com a utilização de violência (e.g., Machado et al., 2003; Price et al., 1999), ainda que muitos admitam usá-la nos seus relacionamentos de namoro. Esta discrepância tem sido explicada pela tentativa por parte dos jovens de responderem aos questionários atitudinais de acordo com o que é socialmente desejável, assim como pelo desfasamento entre as atitudes globais e pouco específicas dos sujeitos face à violência e o seu posicionamento face a situações específicas e/ou que envolvam directamente o próprio. Na verdade, muitos jovens não reconhecem a violência que praticam ou a que são

sujeitos, já que nos relacionamentos abusivos existe frequentemente a crença romantizada de que o ciúme e o controlo são sinais de amor (Shook, Gerrity, Jurich & Segrist, 2000).

Machado e colaboradores (2006) afirma que os jovens em situação de namoro estão sujeitos a diversas formas de abuso, e destaca três como sendo as mais evidenciadas em diversos estudos que realizou: física, psicológica e sexual. Numa tentativa de detalhar os tipos de violência experienciados no namoro, Price e colaboradores (1999) analisaram várias investigações, concluindo que o abuso verbal se situa entre os 11% e os 15%, o abuso físico varia entre os 9% e os 43% e o abuso sexual oscila entre os 16% e os 20%. Windle & Mrug (2009) referem que as raparigas apresentam níveis mais elevados de perpetração, em relação aos rapazes, e os rapazes revelam maiores índices de vitimização. Os mesmos autores referem que as raparigas revelam níveis mais elevados de violência verbal e física para com os parceiros amorosos, embora outros estudos revelem que a tendência geral é que os níveis de perpetração e vitimização sejam muito semelhantes em ambos os géneros, corroborando os resultados obtidos por White e Koss (1991), que referem especificamente que no seu estudo encontraram que 37% dos rapazes infligiram actos violentos contra as suas parceiras e que 39% da amostra masculina admitiu ser vítima de violência por parte da companheira; 35% das raparigas admitem ter perpetrado actos violentos para como os seus parceiros, e 32% admitem terem sido vítimas de violência. Contrariamente a estes dados, Machado e colaboradores (2010), ao relacionarem as variáveis sócio-demográficas com as atitudes face à violência e com os comportamentos violentos, verificaram que a violência é suportada mais pelos rapazes, sendo estes dados corroborados por outros estudos a nível internacional (e.g., Feiring., Deblinger, Hoch-Espada & Haworth, 2002; Price et al., 1999). No caso das raparigas, o género emerge como um possível preditor de perpetração de violência (Machado et al., 2010), sendo também evidenciado por Foshee (1996) que 27% da amostra feminina relata ter perpetrado, pelo menos uma vez, comportamentos violentos contra o namorado, em comparação com 15% dos resultados apresentados pela parte masculina da amostra. No geral, o que se pode concluir é que a área de pesquisa relativamente às diferenças de género ao nível da perpetração da violência e vitimização nas relações de namoro na adolescência é ainda controversa e inconclusiva. No entanto, num estudo recente, no qual foi utilizado o questionário EAVN, Saavedra (2010) refere que os rapazes apresentam níveis significativamente mais elevados de tolerância às diferentes formas

de violência, quer estas sejam perpetradas por rapazes ou por raparigas, sendo estes resultados corroborados por outros estudos (e.g. Katz, Kuffel, & Coblenz, 2002; Matos et al., 2006).

No que respeita à idade, alguns são os estudos (e.g. Miller et al., 2009) que referem que cedo os jovens começam a namorar, sendo o sexto ano de escolaridade apontado, de uma forma geral, como a altura em que os jovens iniciam as relações de namoro. Machado e colaboradores (2010) revela que os níveis de violência em situações de intimidade tendem a diminuir com a idade, algo referido também no estudo de Feiring (2002). Este facto pode estar directamente relacionado com o desenvolvimento de processos cognitivos, com o facto de existir um maior *background* educacional, ou até mesmo com o facto de existir uma maior experiência no que respeita a situações de relacionamento íntimo (Feiring et al., 2002). Machado e colaboradores (2010) confirmou que não só os níveis de violência em alunos universitários diminuíram em comparação com alunos mais novos, como também os alunos em frequência universitária e com experiência em relacionamentos, revelaram níveis de violência íntima mais baixos. No entanto estes resultados contrastam com o facto de vítimas e perpetradores de violência no namoro serem descritos como sujeitos mais velhos e com níveis de formação académico elevados. Relativamente à idade, os resultados devem ser cautelosamente interpretados visto que alguns estudos referem a idade como uma variável irrelevante para compreender comportamentos de perpetração e vitimização (e.g., Cyr et al., 2006; Machado et al., 2010). Esta informação prende-se directamente com o facto das diferenças serem encontradas, maioritariamente, ao nível da violência emocional, que inclui actos mais ambíguos cuja natureza abusiva é facilmente negada, e porque não existem diferenças significativas na violência física e nos abusos de carácter mais severo entre sexos (Machado et al., 2010). Lewis e Fremouw (2001), com base em alguns estudos, conclui que a idade não é considerada como um preditor de violência no namoro, assim como Stets e Henderson (1991), que ressaltam o facto de existirem poucos estudos empíricos suficientes que possibilitem afirmar o contrário.

Associada à questão da violência na juventude, segundo Miller e colaboradores (2009), está a questão da parentalidade, mais especificamente, as crenças e atitudes dos progenitores face à violência e o envolvimento que estes têm na educação dos filhos. No seguimento destas afirmações, a compreensão dos jovens que começam desde cedo a namorar relativamente ao fenómeno de violência no namoro, pode ser entendida através do modelo ecológico de Bronfenbrenner. A tendência central deste modelo recai sobre o

pressuposto de que o desenvolvimento individual é influenciado pela qualidade dos intervenientes presentes no meio envolvente em que os jovens estão inseridos, assim como pela interacção entre estes mesmos intervenientes (família, pares, escola e comunidades) (Miller et al., 2009). Recorrendo a este modelo e aos pressupostos gerais do mesmo, esta investigação propõe, numa segunda parte exploratória, em que se pretende procurar saber como se relacionam as atitudes que os jovens apresentam face à violência no namoro com a percepção que estes têm dos estilos parentais presentes na sua educação. Tendo em conta que a família e a educação parental podem constituir factores preditores de futuros comportamentos violentos dos jovens numa situação de namoro, Windle e Murg (2009) referem que uma educação parental rígida e autoritária pode estar associada a comportamentos violentos e delinquentes na adolescência. Embora os estudos não relacionem especificamente os estilos parentais de educação com as atitudes mais ou menos legitimadoras de violência no namoro, todos apontam no sentido da existência de uma relação directa entre aquilo a que a criança está sujeita por parte da educação parental com o que posteriormente fará parte da sua constituição enquanto pessoa adulta (Oliveira, 2009). Neste sentido, espera-se encontrar uma relação entre estilos parentais e atitudes face à violência no namoro, através de uma tendência confirmatória em que os estilos parentais Autoritário e Permissivo reflectam uma correlação positiva com as atitudes face à violência no namoro (pais que são percebidos como Autoritários e Permissivos têm filhos que legitimam mais as atitudes violentas face ao outro em situação de namoro), bem como se espera encontrar que pais mais Autoritativos promovam uma menor aceitação e legitimação das atitudes face à violência no namoro por parte dos jovens. Apresentam-se, de seguida, os objectivos e hipóteses colocados na presente investigação.

Objectivo 1: Pretende-se compreender as atitudes face à violência no namoro, em jovens adolescentes.

Hipótese Geral 1: Verificar se os rapazes e as raparigas legitimam e toleram a violência no namoro de forma diferente.

- **Hipótese Operacional 1:** Espera-se que os rapazes legitimem e tolerem mais a violência no namoro que as raparigas.

Saavedra (2010) refere que os rapazes apresentaram níveis significativamente mais elevados de tolerância às diferentes formas de violência quer estas fossem

perpetradas por rapazes ou por raparigas. Outros estudos corroboram estes resultados (e.g. Katz, Kuffel, & Coblenz, 2002; Matos et al., 2006). Tendo em conta estes dados empíricos recentes e o facto do instrumento utilizado ter sido o EAVN, espera-se que os resultados deste estudo sigam na direcção das hipóteses anteriormente apresentadas.

Hipótese Geral 2: Verificar se os níveis de legitimação e tolerância face à violência no namoro variam consoante a faixa etária.

- **Hipótese Operacional 2:** Espera-se encontrar níveis ligeiramente mais baixos de legitimação e tolerância face à violência nos adolescentes mais velhos.

No que respeita às idades, alguns são os estudos (e.g. Miller et al., 2009) referem que cedo os jovens começam a namorar, sendo o sexto ano de escolaridade apontado de uma forma geral, como a altura em que os jovens iniciam as relações de namoro. Machado e colaboradores (2010), revela que os níveis de recorrência à violência em situações de intimidade tende a diminuir com idade, algo referido também no estudo de Feiring (2002). Estes níveis mais baixos de violência positivamente influenciados pelo aumento da idade podem estar directamente relacionado com o desenvolvimento de processos cognitivos, com o facto de existir um maior *background* educacional, ou até mesmo com o facto de existir uma maior experiência no que respeita a situações de relacionamento íntimo (Feiring et al. 2002). Com base na literatura espera-se confirmar a hipótese 3.

Objectivo 2: Pretende-se compreender a forma como se relacionam as atitudes dos jovens face à violência no namoro, com a percepção que estes têm do tipo de estilos parentais presentes na sua educação.

Hipótese Geral 3: Explorar a relação entre as variáveis legitimação/tolerância face à violência no namoro e percepção dos estilos parentais.

- **Hipótese Operacional 3:** espera-se que jovens que percebem os seus pais como autoritários e permissivos apresentam níveis mais elevados de legitimação e tolerância face à violência no namoro.
- **Hipótese Operacional 4:** espera-se que jovens que percebem os seus pais como autoritativos apresentam níveis mais baixos de legitimação e tolerância face à violência no namoro.

No seguimento destas afirmações, a compreensão dos jovens que começam desde cedo a namorar relativamente ao fenómeno de violência no namoro, pode ser entendida através do modelo ecológico de Bronfenbrenner. A tendência central deste modelo recai sobre o pressuposto que o desenvolvimento individual é influenciado pela qualidade dos intervenientes presentes no meio envolvente em que os jovens estão inseridos, e pela interacção entre estes mesmos intervenientes (família, pares, escola e comunidades) (Miller et al., 2009). Windle e Murg (2009) referem que uma educação parental rígida e autoritária pode estar associada a comportamentos violentos e delinquentes na adolescência. Existe uma relação directa entre o que a criança está sujeita por parte da educação parental com o que posteriormente fará parte da sua constituição enquanto pessoa adulta (Oliveira, 2009).

Objectivo 3: Pretende-se compreender se existem diferenças entre géneros na relação entre as variáveis estilos parentais e legitimação/aceitação de comportamentos violentos no namoro em ambos os géneros.

Hipótese Geral 4: Explorar a relação entre as variáveis legitimação/tolerância face à violência no namoro e percepção dos estilos parentais entre rapazes e raparigas.

- **Hipótese Operacional 5:** Espera-se que rapazes e raparigas apresentem diferenças ao nível da relação entre as variáveis estilos parentais e legitimação/aceitação de violência no namoro

Não tendo sido encontrada literatura para suportar a hipótese 6, propõe-se esta hipótese num sentido exploratório, tentando compreender que tipo de relação ambas as variáveis têm quando se tem em conta, separadamente, os jovens do sexo masculino e feminino.

Capítulo III- Metodologia

1. Amostra

Este estudo contempla uma amostra de 221 sujeitos, de ambos os sexos, com frequência escolar no 3º ciclo do ensino básico. Todos os sujeitos frequentavam escolas na zona centro de Portugal. Os sujeitos tinham idades compreendidas entre os 12 e os 16 anos de idade ($M= 13,36$; $DP= 1,06$).

No Quadro 1 apresentam-se, respectivamente, alguns dados sociodemográficos da amostra recolhida.

Quadro 1

Características sociodemográficas da amostra total (Frequências e Percentagens)

	Frequências	Percentagens
Sexo		
Feminino	121	54.8%
Masculino	100	45.2%
Idade		
12	52	23.5%
13	77	34.8%
14	61	27.6%
15	23	10.4%
16	8	3.6%
Ano Escolar		
7º	79	35.7%
8º	94	42.5%
9º	48	21.7%
Agregado Familiar		
Pais	52	23.5%
Pais e irmão(s)	117	52.9%
Um progenitor	8	3.6%
Um progenitor e irmão(s)	29	13,1%
Outro	6	6,9%

2. Instrumentos

2.2.Avaliação Sociodemográfica

De forma a recolher informação sociodemográfica relevante para caracterizar a amostra em estudo, foi construído, especificamente para esta investigação, um

questionário Sociodemográfico (ver Anexo I). Este instrumento permitiu a avaliação de um conjunto de variáveis sociodemográficas potencialmente relevantes na caracterização da amostra e na compreensão dos resultados obtidos, bem como possui informação que permite avaliar relações entre variáveis, que em futuras investigações podem vir a tornar-se relevantes.

2.2. Questionário de Autoridade Parental (P.A.Q)

O instrumento utilizado para avaliar a percepção que os jovens têm dos estilos parentais dos seus pais foi o *Parental Authority Questionnaire (PAQ)*. Este instrumento foi desenvolvido com o objectivo de avaliar os estilos educativos parentais do ponto de vista dos filhos, tendo sido traduzido e adaptado por Morgado, Maroco, Miguel, Machado, e Dias (2006) para a população portuguesa (Anexo II). O PAQ é um instrumento constituído por 30 itens, formulados em escala tipo *Lickert* de cinco pontos (1 = Discordo totalmente; 2 = Discordo; 3 = Não concordo nem discordo; 4 = Concordo; 5 = Concordo totalmente), distribuídos por três subescalas correspondentes aos estilos educativos parentais: Permissivo, Autoritativo e Autoritário (10 itens cada). Os itens que correspondem a cada subescala distribuem-se da seguinte forma: permissivo (P: itens 1, 6, 10, 13, 14, 17, 19, 21, 24, 28), autoritário (A: itens 2, 3, 7, 9, 12, 16, 18, 25, 26, 29) e democrático (D: itens 4, 5, 8, 11, 15, 20, 22, 23, 27, 30). Cada jovem deverá responder a cada um dos itens consoante o item se aplique ou não a si e aos seus pais. A cotação do PAQ é obtida através da soma dos valores dos itens de cada subescala, podendo a pontuação variar entre 10 e 50, sendo o estilo educativo parental determinado pela subescala com pontuação mais elevada (Morgado et al., 2006).

No estudo de Morgado e colaboradores (2006), este instrumento apresentou uma boa consistência interna para a subescala estilo democrático e para a subescala estilo autoritário, com coeficientes de *alpha* de *Cronbach* de 0.779 e de 0.769, respectivamente. A subescala estilo permissivo apresentou uma consistência interna razoável, sendo o seu coeficiente de *alpha* de *Cronbach* de 0.660. Os valores de *alfa* de *Cronbach* encontrados no estudo anteriormente referido foram semelhantes aos encontrados no presente estudo (Autoritário=.738, Democrático=.747 e Permissivo=.645).

2.3. Avaliação das Atitudes acerca da Violência no Namoro

As atitudes acerca da violência no namoro foram avaliadas através da *Escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro (EAVN)* (ver anexo III). Esta escala é uma adaptação da *Attitudes Toward Dating Violence Scale*, desenvolvida e validada em 1999 por Price e colaboradores. A versão portuguesa desta escala foi traduzida e adaptada por Saavedra, Machado, e Martins (2008). A recolha de dados para a versão final da validação e adaptação da Escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro foi realizada no âmbito do Projecto APAV 4d – Prevenção Integrada em Contexto Escolar, desenvolvido pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, entre 2008 e 2010.

Esta escala é um instrumento de auto-relato, constituída por um total de 76 itens, organizados em seis subescalas de atitudes face à violência: Violência Psicológica Masculina (VPM), Violência Física Masculina (VFM), Violência Sexual Masculina (VSM), Violência Psicológica Feminina (VPF), Violência Física Feminina (VFF) e Violência Sexual Feminina (VSF). Todas as subescalas avaliam as atitudes dos sujeitos relativamente à violência psicológica, física e sexual nas relações de intimidade na adolescência. A resposta à escala não pressupõem que os jovens já tenham estado envolvidos numa relação amorosa, uma vez que se trata de uma escala de atitudes.

A maioria dos itens é cotada de 1 a 5 (1=discordo totalmente; 2=discordo; 3=não concordo nem discordo; 4=concordo; 5=concordo totalmente), com excepção de alguns cuja forma de cotação é invertida, de modo a controlar a forma negativa como as afirmações são colocadas aos sujeitos (1=concordo totalmente; 2=concordo; 3=não concordo nem discordo; 4=discordo; 5=discordo totalmente). Os itens invertidos e as subescalas a que estes pertencem são os seguintes: VPM (1, 2, 5, 9, 10, 13); VFM (1, 3, 5, 7); VSM (2, 4, 5, 12); VPF (2, 1); VFF (7, 8, 10, 12); VSF (1, 2, 3, 4, 7, 8, 9, 10).

O valor de cada subescala será calculado pela soma dos seus itens. Pontuações mais elevadas indicam uma maior legitimação da utilização de comportamentos abusivos nos relacionamentos. Embora cada subescala não possua o mesmo número de itens, optou-se por calcular os *scores* pelos totais e não pelas médias, de forma a manter os mesmos padrões de cálculo que foram utilizados em outros estudos portugueses cuja escala foi utilizada e aferida.

3. Procedimento Geral

A amostra do presente estudo foi recolhida entre Fevereiro e Abril de 2012, em três escolas distintas, inseridas em três concelhos diferentes (Pinhal Novo, Amadora e

Cacém). O recurso a escolas foi essencial uma vez que, por conveniência, esta foi a forma mais eficaz de ter acesso a um número elevado e heterogéneo de jovens. O contacto com as escolas foi feito pessoalmente, foram entregues as cópias das provas aplicadas, o pedido de autorização para os pais (ver Anexo IV), o pedido de autorização para a escola (Anexo V) e a carta de recomendação do orientador de dissertação (Ver Anexo VI). Em média, as escolas demoraram cerca de duas semanas a responder ao pedido. Após aprovação das escolas, foram contactados os professores de algumas turmas do 7º, 8º e 9º anos para que pudessem entregar as autorizações para os encarregados de educação aos respectivos alunos. Agendaram-se as aplicações dos questionários e, no momento da aplicação dos mesmos, apenas os alunos cujas autorizações estavam assinadas, consentindo a participação dos jovens na investigação, preencheram os instrumentos.

Inicialmente, foi explicado aos jovens que os questionários faziam parte de uma fase de um projecto de pesquisa sobre violência entre jovens e foi pedido a cada um que preenchesse cada questionário de acordo com o que pensava sobre cada afirmação, não havendo necessidade de cruzar informação com o colega do lado, uma vez que não existiam respostas certas ou erradas. Os dois instrumentos não foram entregues de uma vez só aos alunos. Inicialmente foi entregue o EAVN e, após o seu preenchimento, foi pedido aos jovens levantassem o braço e solicitassem o PAQ, que estava devidamente identificado com o mesmo código do EAVN já preenchido. Foi feito um pequeno agradecimento aos alunos após o preenchimento dos questionários, assim como lhes foi facultado um contacto electrónico caso fosse do seu interesse saber os resultados da pesquisa.

4. Procedimento Estatístico

No presente estudo a análise dos dados foi realizada com recurso ao programa estatístico *IBM SPSS Statistics 20*.

Tendo em conta os objectivos do estudo, utilizaram-se três procedimentos estatísticos principais para o tratamento dos dados: estatística descritiva, comparação de grupos (teste paramétrico: Teste *t de Student* e *ANOVA-ONE WAY*) e análise de correlação bivariada.

Através da estatística descritiva procurou-se caracterizar os dados sócio-demográficos dos participantes do estudo e os resultados obtidos com a aplicação dos dois instrumentos utilizados (*EAVN e PAQ*), através do cálculo de frequências e

percentagens e determinação da média e desvio-padrão, consoante o tipo de variáveis em causa.

Na comparação de grupos (e.g., legitimação de violência entre rapazes/raparigas; legitimação de violência entre idades), devido ao facto de se terem verificado os pressupostos da Normalidade e de Homogeneidade de Variâncias, bem como tendo em conta a dimensão da amostra (N=221), foram utilizados testes paramétricos (Pallant, 2005). Foi utilizado o teste *T-Student* para comparação de dois grupos independentes e o teste *ANOVA-ONE WAY* para comparação de mais de dois grupos independentes (Pallant, 2005).

A análise da correlação bivariada foi utilizada com o intuito de explorar as relações entre as variáveis estudadas (Atitudes Face à Violência no Namoro e Estilos Parentais), bem com as relações existentes entre estas variáveis e a variável género.

Capítulo IV- Resultados

1. Compreensão das atitudes face à violência no namoro, em jovens adolescentes.

Tendo em consideração a primeira hipótese geral, procedeu-se à comparação da variável Legitimação da Violência entre rapazes e raparigas. Tal como referido anteriormente, uma vez que se verificaram os pressupostos da Normalidade e Homogeneidade de Variâncias, utilizou-se o teste paramétrico *t de Student* para comparação de dois grupos independentes.

Verificou-se que os rapazes apresentam níveis de legitimação/tolerância face à violência no namoro significativamente mais elevados do que as raparigas relativamente à violência psicológica e física masculina (VPM e VFM) e à violência psicológica feminina (VPF). Não se encontraram diferenças significativas relativamente aos restantes tipos de violência (violência sexual masculina e feminina, violência física feminina), embora seja possível observar que em todas elas os rapazes apresentam pontuações mais elevadas do que as raparigas (Quadro 2). Desta forma confirma-se parcialmente a hipótese a hipótese geral 1, uma vez que não existem diferenças significativas em todos os tipos de violência entre géneros, e confirma-se a hipótese operacional 1, sendo que os rapazes apresentam sempre valores médios de legitimação da violência superiores aos valores médios das raparigas.

Quadro 2

Níveis de Legitimação/Tolerância face à Violência no Namoro em rapazes e raparigas - Média, Desvio Padrão, Valor t e valor p

Níveis de Legitimação da violência	Rapazes		Raparigas		t	r	p
	Média	DP	Média	DP			
VPM	38,01	4,86	34,06	4,39	6,323	0,678	<.05
VFM	35,20	4,77	33,69	5,07	2,256	0,211	<.05
VSM	33,32	4,61	31,63	4,51	2,734	0,282	>.05
VPF	33,56	5,52	30,32	4,93	4,599	0,527	<.05
VFF	31,74	5,23	31,53	5,04	0,292	0,004	>.05
VSF	39,56	4,23	39,42	4,77	0,226	0,002	>.05

Nota: N_{rapazes}=100; N_{raparigas}=121

Tendo em consideração a segunda hipótese geral, procedeu-se à comparação da variável Legitimação da Violência entre as idades dos participantes.

Realizou-se uma *Anova one-way* (Quadro 3) de forma a explorar o impacto da variável idade sobre os níveis de legitimação da violência no namoro por parte dos jovens. Foram consideradas os cinco grupos de idades (12, 13, 14, 15, e 16 anos). Não foi encontrada nenhuma diferença significativa nos níveis de legitimação da violência para as diferentes idades ($p > .05$). Desta forma não se confirma a hipótese geral 1 e a hipótese operacional 2.

Quadro 3

Níveis de Legitimação/Tolerância face à Violência no Namoro entre as idades dos participantes- Média, Desvio Padrão, Valor F e valor p

Níveis de Legitimação				
da Violência	Média	SD	F	p
VPM			.365	>.05
12	35,84	5,55		>.05
13	36,11	4,97		>.05
14	36,00	4,75		>.05
15	34,73	5,29		>.05
16	35,37	2,61		>.05
VFM			.875	>.05
12	34,11	5,69		>.05
13	34,06	4,52		>.05
14	35,01	5,08		>.05
15	33,56	4,59		>.05
16	36,50	4,69		>.05
VSM			1,394	>.05
12	31,96	4,69		>.05
13	33,09	4,41		>.05
14	32,60	4,99		>.05
15	30,69	4,67		>.05
16	31,87	2,23		>.05
VPF			.581	>.05
12	32,44	5,67		>.05
13	31,87	4,99		>.05
14	31,27	6,13		>.05
15	32,04	4,48		>.05
16	29,87	5,40		>.05

VFF			.486	>.05
12	31,78	4,92		>.05
13	31,98	5,41		>.05
14	31,08	5,34		>.05
15	32,04	4,60		>.05
16	30,12	3,18		>.05
VSF			1,118	>.05
12	38,40	3,99		>.05
13	40,07	3,52		>.05
14	39,49	5,87		>.05
15	39,86	4,32		>.05
16	39,62	4,95		>.05

Nota: N₁₂=52; N₁₃=77; N₁₄=61; N₁₅=23; N₁₆=8

2. Compreender a forma como se relacionam as atitudes dos jovens face à violência no namoro, com a percepção que estes têm do tipo de estilos parentais presentes na sua educação

De forma a estudar a relação entre a percepção do estilo parental e os níveis de legitimação da violência no namoro, numa amostra de jovens estudantes do ensino básico, procedeu-se ao cálculo correlacional. Optou-se pela utilização do coeficiente de correlação de *Pearson*, tendo em conta o facto de as variáveis possuírem distribuição normal no grupo em causa. Nos quadros 4, 5 e 6 apresenta-se, respectivamente, a estatística descritiva da escala EAVN e da escala PAQ na amostra total, a estatística descritiva dos instrumentos na amostra feminina e na amostra masculina.

Quadro 4

Estatística descritiva da EAVN e PAQ na amostra total

	M	DP	Min	Max
VPM	35.85	5.00	23.00	55.00
VFM	34.38	4.99	22.00	47.00
VSM	32.40	4.62	12.00	47.00
VPF	31.78	5.44	13.00	51.00

VFF	31.63	5.12	12.00	46.00
VSF	39.48	4.53	12.00	49.00
Autoritário	31.93	6.03	12.00	48.00
Permissivo	27.73	5.76	13.00	47.00
Autoritativo	37.91	5.71	20.00	50.00

Nota: N=221

Quadro 5

Estatística descritiva da EAVN e PAQ na amostra Feminina

	M	DP	Min	Max
VPM	34.07	4.39	23.00	47.00
VFM	33.69	5.07	22.00	45.00
VSM	31.64	4.51	12.00	47.00
VPF	30.32	4.94	13.00	42.00
VFF	31.54	5.04	12.00	46.00
VSF	39.42	4.78	12.00	48.00
Autoritário	31.33	6.06	12.00	47.00
Permissivo	27.70	6.16	13.00	44.00
Autoritativo	38.31	5.95	21.00	50.00

Nota: N=121

Quadro 6

Estatística descritiva da EAVN e PAQ na amostra Masculina

	M	DP	Min	Max
VPM	38.01	4.87	26.00	55.00
VFM	35.20	4.77	27.00	47.00
VSM	33.32	4.61	19.00	44.00
VPF	33.56	5.52	19.00	51.00
VFF	31.74	5.23	16.00	43.00
VSF	39.56	4.23	29.00	49.00
Autoritário	32.65	5.94	18.00	48.00
Permissivo	27.78	5.28	15.00	47.00
Autoritativo	37.44	5.39	20.00	50.00

Nota: N=100

Os resultados da análise correlacional apresentam-se no Quadro 7.

Observa-se uma correlação positiva e fraca entre as variáveis VPM ($r=.14$, $n=221$, $p<.05$) e VFF ($r=.16$, $n=221$; $p<.05$) e a percepção do estilo parental autoritário. Verifica-se ainda uma relação positiva e fraca entre as variáveis VPM ($r=.20$, $n=221$, $p<.01$) e VSM ($r=.14$, $n=221$, $p<.05$) e a percepção do estilo parental permissivo. Ou seja, verifica-se que jovens que apresentam níveis de legitimação da violência psicológica masculina e física feminina mais elevados, tendem a perceber os seus pais como mais autoritários. Da mesma forma, os jovens que apresentam níveis de legitimação da violência psicológica e sexual masculina mais elevados, percebem os seus pais como mais permissivos. Por outro lado, verifica-se a existência de uma relação negativa e fraca entre VPM e o estilo autoritativo ($r= -.16$, $n= 221$, $p<.05$), assim como entre VPF e o estilo autoritativo ($r= -.15$, $n=221$, $p<.05$). Ou seja, jovens que apresentam níveis de legitimação da violência psicológica, quer masculina quer feminina, mais elevados, tendem a perceber os seus pais como menos autoritativos.

Através destes resultados procedeu-se à exploração da hipótese geral 3 e confirmaram-se as hipóteses operacionais 3 e 4.

Quadro 7

Correlações entre os Níveis de Legitimação/Tolerância face à violência no namoro e a Percepção dos Estilos Parentais na amostra total

		Estilos Parentais		
		Autoritário	Permissivo	Autoritativo
Legitimação da Violência	VPM	.143*	.195**	-.156*
	VFM	.119	.118	.010
	VSM	.044	.144*	-.075
	VPF	.072	.092	-.153*
	VFF	.156*	.081	-.003
	VSF	-.006	-.064	.088

Nota: N=221; *p<.05 (two-tailed), **p<.01(two-tailed)

4. Compreensão da relação entre as variáveis estilos parentais e legitimação/aceitação de comportamentos violentos no namoro em ambos os géneros.

Através do Quadro 8 é possível verificar detalhadamente a relação entre os níveis de legitimação da violência e a forma como rapazes e raparigas percebem os estilos parentais inerentes à sua educação.

Verifica-se que, nos rapazes, níveis mais elevados de legitimação da violência psicológica masculina ($r=.22$, $n=221$, $p<.05$) e física feminina ($r=.20$, $n=221$, $p<.05$) correlacionam-se de forma fraca e positiva com a percepção do estilo parental autoritário. Ou seja, rapazes que toleram e legitimam mais a violência psicológica masculina e a violência física feminina tendem a perceber os seus pais como autoritários. Relativamente às raparigas, verifica-se que quando percebem os pais como permissivos, tendem a legitimar mais a violência física ($r=.21$, $n=221$, $p<.05$) e sexual ($r=.22$, $n=221$, $p<.05$) masculina. No que respeita à violência psicológica masculina, verifica-se que as raparigas que percebem os seus pais como

permissivos tendem a legitimizar menos a violência psicológica masculina ($r=-.26$, $n=221$, $p<.01$). Desta forma procedeu-se à exploração da hipótese geral 4 e confirmou-se parcialmente a hipótese operacional 5, uma vez que existem diferenças apenas relativamente a alguns tipos de violência.

Quadro 8

Correlações entre os Níveis de Legitimação/Tolerância face à violência no namoro e a percepção do Estilo Parental entre rapazes e raparigas

		Estilos Parentais		
		Autoritário	Permissivo	Autoritativo
Legitimação da Violência	Rapazes	VPM	.223*	.149
	Raparigas	VPM	.008	-.260**
	Rapazes	VFM	.153	-.011
	Raparigas	VFM	.067	.205*
	Rapazes	VSM	.040	.051
	Raparigas	VSM	.011	.215*
	Rapazes	VPF	.049	.161
	Raparigas	VPF	.035	.042
	Rapazes	VFF	.204*	.020
	Raparigas	VFF	.114	.126
	Rapazes	VSF	.131	.122
	Raparigas	VSF	-.201	-.182

Nota: $N_{\text{rapazes}}=100$ e $N_{\text{raparigas}}=121$; * $p<.05$ (two-tailed), ** $p<.01$ (two-tailed)

Capítulo V – Discussão

O primeiro objectivo deste estudo visava compreender as atitudes face à violência no namoro numa amostra de jovens adolescentes de ambos os sexos. Relativamente à primeira hipótese geral, foram encontradas diferenças significativas nas variáveis da violência entre rapazes e raparigas, quer ao nível da perpetração e vitimização, com os rapazes a apresentarem resultados mais elevados ao nível da legitimação da violência enquanto perpetradores ou vítimas, o que levou à confirmação da primeira hipótese operacional 1. O facto de existirem diferenças entre géneros relativamente aos níveis de legitimação da violência vai de encontro ao que é referido na literatura (e.g. Feiring., Deblinger, Hoch-Espada & Haworth, 2002; Price et al., 1999; Caridade et al., 2007). Embora alguns estudos refiram que as raparigas apresentam níveis mais elevados de legitimação da violência relativamente aos rapazes, esses resultados não foram corroborados no presente estudo. No entanto, é relevante referir novamente que no estudo de Saavedra (2010), os rapazes apresentaram níveis significativamente mais elevados de tolerância face às diferentes formas de violência, quer estas fossem perpetradas por eles mesmos ou pelas raparigas. Outros estudos corroboram estes resultados (e.g., Katz, Kuffel, & Coblenz, 2002; Matos, Machado, Caridade, & Silva, 2006). Segundo um estudo realizado por Caridade e colaboradores (2007), o facto de os rapazes serem mais legitimadores e tolerantes face ao abuso ocorrido na intimidade também é tido como algo predominante numa população juvenil de ambos os sexos. Devido ao facto de ter sido utilizado outro instrumento que não o EAVN, foi possível concluir que os participantes do sexo masculino tinham maior tendência a considerar que a violência poderia ser justificável em função de certas condutas tidas por parte da mulher, atribuindo o abuso a causas mais externas e fora de controlo do agressor, preponderando mais a banalização e a normalização da “pequena violência”, considerando que a sua ocorrência é comum, normal e/ou pouco severa (Caridade et al., 2007). Estes níveis mais elevados de legitimação da violência por parte dos rapazes podem ser explicados pelo facto dos rapazes serem socializados no sentido de uma maior agressividade nos seus relacionamentos interpessoais (Saavedra, 2010), ou seja, as questões sócio-culturais assumem um destaque na medida em que a socialização entre rapazes e raparigas é distinta, quer no que se refere às expectativas e papéis de género, quer no que concerne especificamente à socialização para a agressividade (Caridade et al., 2007). Alguns autores (e.g., Flem, 1994, cit. por Wolf,

Wekerle, & Scott, 1996) referem que os rapazes tendem a perceber-se como possuindo mais poder do que as suas companheiras, agindo em conformidade com os modelos dominantes na sua cultura, evidenciando uma postura de poder, competitividade e controlo, podendo ser esta postura ser transferida para as suas relações de intimidade numa tentativa de conservarem os papéis de género tradicionais, sobre quais foram educados. É importante salvaguardar que estes resultados se situam no âmbito das atitudes, tal como os que foram obtidos nos estudos anteriormente referidos, isto porque o facto dos jovens apresentarem *scores* mais elevados de legitimação e aceitação da violência, não permite afirmar que essas atitudes originem, directamente, comportamentos de violência para com os parceiros(as), como demonstram os resultados obtidos por Tontodonato e Crew (1992). Por outro lado, existem diversas investigações que revelam que as raparigas recorrem e iniciam actos violentos com mais frequência do que os rapazes (Lewis e Fremouw, 2011). Apesar dos resultados do presente estudo sugerirem que os rapazes legitimam e toleram mais as atitudes de violência no namoro do que as raparigas, é necessário ter em conta que os *scores* médios apresentados pelas raparigas podem ser considerados muito próximos dos *scores* evidenciados pelos rapazes. Neste sentido, uma possível explicação para o facto de as raparigas apresentarem *scores* próximos aos dos apresentados pelos rapazes, pode estar relacionado com o facto da perpetração de actos violentos no namoro ser algo socialmente menos aceite quando é o homem a perpetrar os actos violentos, contrariamente se for a mulher, o que pode dar mais destaque a estes comportamentos quando são tidos pelos homens (Lewis e Fremouw, 2001). Esta ideia pode estar directamente ligada ao facto dos actos de violência perpetrados pelos rapazes serem caracterizados, em alguns estudos (Machado et al., 2010; Saavedra, 2010; Straus, 2009), como sendo de ordem mais violenta do que os que são perpetrados pelas raparigas. Alguns estudos (Feiring, 2001; Foshee, 1996) referem que o uso de violência física por parte das mulheres pode ser empregue em auto-defesa contra agressões por parte dos companheiros. Um outro aspecto que também tem sido verificado em vários estudos no âmbito dos comportamentos violentos no namoro relaciona-se com o facto dos rapazes perpetradores poderem não participar nos estudos intencionalmente, o que acaba por destacar os comportamentos violentos e a predisposição que as raparigas têm para os vir a perpetrar. Da mesma forma, a desejabilidade social pode ser um factor preponderante nas respostas de cada individuo, ou seja, é necessário ter em conta que nem sempre as respostas vão de encontro aos actos que cada pessoa comete, mas no sentido do que o

participante percebe como sendo socialmente aceite ou correcto (Lewis e Fremouw, 2001).

Relativamente à hipótese geral 2 não se encontrou o esperado, uma vez que não se observaram diferenças significativas ao nível da legitimação e tolerância face à violência no namoro entre os diferentes grupos etários, não tendo sido por isso encontrada a diminuição de legitimação e tolerância face à violência no namoro, à medida que a idade aumentava, como era esperado (Hipótese operacional 2). Ou seja, neste estudo a idade não se revelou uma variável importante para compreender as atitudes dos jovens face à violência no namoro. Feiring (2002) afirma que com o aumento da idade os jovens têm tendência a aumentar a aceitação relativamente ao uso de violência nas relações amorosas. No entanto, Caridade e colaboradores (2007) realça no seu estudo que estudantes mais velhos manifestaram níveis mais baixos de aceitação ou tolerância ao abuso perpetrado nas relações amorosas. Neste sentido, Matos e colaboradores (2006), assim como Caridade e colaboradores (2007), referem que com o aumento da idade cada jovem sofre uma maturação natural (e.g., pensamento abstracto, maior capacidade de compreender a perspectiva do outro), bem como o maior e progressivo envolvimento em relações amorosas induzem a uma maior consciência, maturidade relacional e capacidade de reflexão crítica sobre as temáticas da violência no namoro. Embora os dados sejam contraditórios relativamente ao papel da idade, uma possível explicação para estes resultados pode estar relacionada com o facto de não existir uma homogeneidade no número de jovens pertencentes a cada grupo etário, uma limitação a considerar neste estudo, e o facto de existirem poucos estudos empíricos na área da violência no namoro, que se foquem especificamente na variável idade também pode ser apontado como uma possível justificação para a incapacidade de corroborar o dados obtidos (Stets & Henderson, 1991).

Quando se têm em consideração algumas variáveis mediadoras, para além das variáveis sócio-demográficas, consegue-se compreender melhor o funcionamento individual de cada jovem relativamente à situação de relacionamento íntimo. Lewis e Fremouw (2001) refere diferentes tipos de variáveis que têm sido abordadas em diversos estudos, como sendo relevantes para o entendimento dos comportamentos agressivos no namoro, nomeadamente, variáveis históricas, relacionadas com experiências violentas anteriores, sejam no contexto familiar ou não; variáveis clínicas ou intrapessoais (e.g., estratégias de *coping*, auto-estima, processos cognitivos) que, segundo Lewis e Fremouw (2001), são variáveis que podem moderar os

comportamentos dos jovens e que podem estar directamente relacionadas com o controlo do stress; e variáveis contextuais, que estão directamente relacionadas com a gestão de stress e com o suporte social, e redes de apoio social (e.g., amigos, trabalho, família). Neste sentido, o contexto familiar, especificamente a forma como os jovens percebem a sua educação parental, foi uma das variáveis contempladas neste estudo de modo a tentar compreender melhor o fenómeno da violência entre jovens no contexto das relações íntimas.

A hipótese operacional 3 foi confirmada na medida em que se verificou uma relação positiva e fraca entre a violência psicológica masculina (VPM) e a violência física feminina (VFF) e a percepção do estilo parental autoritário, assim como uma relação positiva e fraca entre a violência psicológica e sexual masculina (VPM e VSM) e a percepção do estilo parental permissivo. Ou seja, foi possível verificar que quando os jovens percebem os seus pais como autoritários e permissivos, tendem a legitimar e concordar com alguns tipos de violência nas relações íntimas. Foi possível também perceber que, tendo em conta o estilo parental percebido pelos jovens, os valores correlacionais significativos concentram-se em tipos de violência cujos rapazes são tidos maioritariamente como vítimas e as raparigas como perpetradoras. Resultados contraditórios relativamente aos que foram observados isoladamente a partir dos *scores* obtidos na escala EAVN, o que pode fortalecer o pressuposto de que os estilos parentais percebidos pelos filhos influenciam a forma como os jovens toleram e legitimam a violência no namoro.

A quarta hipótese operacional também foi confirmada, na medida em que se verificou uma correlação negativa e fraca entre a violência psicológica masculina e feminina (VPM e VPF) e o estilo parental autoritativo. Estes resultados sugerem que quanto menos os jovens percebem os seus pais como autoritativos, mais elevados são os seus níveis de legitimação da violência psicológica feminina e masculina. Estes resultados parecem sugerir que a forma como os filhos percebem o tipo de estilo educativo presente em casa, está relacionado com as atitudes que os jovens apresentam face à violência no namoro. Baumerind (1991) refere a importância que os estilos parentais têm nos comportamentos violentos e de risco dos jovens, destacando os pais com estilos educativos menos autoritários e permissivos como sendo aqueles que conseguem prevenir mais e de forma mais eficaz o futuro aparecimento de comportamentos de risco ou de carácter violento nos filhos. A mesma autora refere duas características dos pais menos autoritários e permissivos como sendo a principal fonte

de sucesso na prevenção de comportamentos violentos e de risco nos filhos: fortes vínculos afectivos que perduram durante a adolescência e uma gestão consistente e coerente das políticas educativas estabelecidas, que incluem supervisão e disciplina. Os resultados obtidos também estão de acordo com Tyler, Brownridge e Melander (2011), onde são referidas conclusões que apontam para o facto de pais com menor disponibilidade afectiva e mais negligentes (características muito semelhantes às evidenciadas por pais permissivos), apresentarem uma maior predisposição para terem filhos com comportamentos delinquentes e que revelem maiores índices de violência no namoro. Reese, Vera, Simon e Ikeda (2000) ao desenvolverem um estudo sobre o impacto que a família e os cuidados dos pais sobre os jovens exercem na prevenção da violência na juventude, concluíram que a família, a comunidade e os pares são fontes de risco e que exercem grande influência sobre a agressividade demonstrada pelos jovens, refutando a importância da necessidade dos trabalhos de prevenção se concentrarem e abrangerem os microssistemas em que os jovens se inserem.

Suportando os dados acima referidos surge a teoria da aprendizagem social que defende que uma pessoa outrora sujeita ou testemunha de comportamentos violentos no seio familiar, agente primário de socialização, apresentam uma maior probabilidade de desenvolver comportamentos violentos nas suas relações (Bandura, 2007). Os comportamentos socialmente aprendidos no meio familiar acabam por ser, com frequência, reproduzidos pelos adolescentes em contextos extra-familiares, ou acabando por se reflectir em atitudes de permissividade e violência, em específico nas relações de intimidade, o que torna estes jovens transmissores culturais de condutas violentas, com padrões de vitimização ou perpetração, possibilitando a perpetuação da violência intergeracional (Oliveira, 2009).

Relativamente à quarta hipótese geral, de carácter exploratório, é possível salientar que não foi encontrado nenhum valor de correlação significativo que permita tirar alguma conclusão sobre a forma como as variáveis das atitudes face à violência e a percepção dos estilos parentais se relacionam entre os géneros, o que levou a que não se confirmasse a hipótese operacional 5. Relativamente aos rapazes, verificou-se a tendência apresentada nas hipóteses anteriores, ou seja, a forma como estes percebem o estilo parental autoritário está positivamente correlacionada com as atitudes perpetradoras e vitimizadoras que têm face à violência, nomeadamente, à violência física feminina (VFF) e à violência psicológica masculina (VPM). No caso das raparigas, apenas se encontraram valores de correlação significativos entre as

atitudes face à violência e o estilo parental permissivo, onde os valores indicaram uma correlação positiva relativamente à violência sexual e física masculina, e negativa relativamente à violência psicológica masculina. Ou seja, as raparigas apenas evidenciaram valores correlacionais significativos enquanto perpetradoras de atitudes face à violência no namoro. A partir dos resultados obtidos, analisando separadamente cada género relativamente ao modo como se relacionam a percepção dos estilos parentais e as atitudes face à violência no namoro, que as raparigas apresentam valores significativos apenas quando atribuem atitudes perpetradoras a si mesmas, sendo que, quando percebem os seus pais como mais permissivos, tendem a legitimar mais estas atitudes, especificamente no caso da violência física e sexual, e a legitimar menos as atitudes violentas no que respeita à violência psicológica. No caso dos rapazes, verifica-se que quando percebem os seus pais como mais autoritários tendem a perceber-se como vítimas e perpetradores, legitimando atitudes mais violentas relativamente à violência psicológica (VPM) e física (VFF). Através destes resultados consegue-se compreender que existe uma tendência nesta amostra em particular para que os pais sejam mais percebidos como autoritários e permissivos, e que avaliando os géneros em separado, pais que são percebidos como autoritativos não geram valores correlacionais significativos que demonstrem que esta percepção afete os níveis de tolerância e legitimação dos jovens face à violência no namoro.

Capítulo VI – Conclusão

Neste ponto apresentam-se as conclusões do presente estudo, sintetizando-se os principais resultados obtidos. Serão ainda salientadas algumas limitações do mesmo e sugeridas investigações futuras.

Este estudo possibilitou caracterizar e compreender um pouco melhor as atitudes dos jovens portugueses face à violência no namoro, assim como explorar a relação existente entre estas atitudes e a percepção que os jovens possuem do tipo de educação parental que têm em casa. A este nível, é possível destacar que, na amostra total, parece confirmar-se o que tem sido referido pela literatura, ou seja, que estilos parentais autoritários e permissivos tendem a levar os jovens a tolerar e legitimar mais a violência e, neste caso específico, a violência nas relações de intimidade. Verificou-se, assim, que a variável percepção dos estilos parentais pode ser uma variável preditora de comportamentos violentos no namoro por parte dos jovens, mas insuficiente por si só para compreender a globalidade do problema. Sendo talvez importante ter em atenção o nível socio-económico de cada família, a escolaridade parental e a possível existência, ou não de um histórico familiar violento.

Relativamente às atitudes face à violência no namoro, verificou-se que a idade parece não ser uma variável relevante na compreensão deste fenómeno, tendo-se obtido resultados que corroboram os resultados empíricos de outros estudos, ou seja, que não existem diferenças significativas entre os diferentes tipos de atitudes face à violência e as idades dos participantes. Também foi possível verificar que o género é uma variável importante para a compreensão dos fenómenos violentos numa relação de intimidade entre jovens, sendo os rapazes os participantes com níveis mais elevados de legitimação e aceitação de actos violentos numa relação íntima, independentemente de se percepcionarem enquanto vítimas ou perpetradores da mesma.

Estes dados sugerem a imperativa necessidade de se continuar a apostar nas acções preventivas neste domínio, privilegiando a prevenção primária junto das faixas etárias mais jovens, bem como a formação de agentes educativos como, por exemplo, os pais e os professores, para que possam adquirir conhecimentos que lhes permitam actuar com mais sabedoria diante de situações desta natureza. É importante referir que esta necessidade de apostar em planos de prevenção é compartilhada, por exemplo, por Caridade e colaboradores (2007), na medida em que é sustentado que a adolescência é uma fase de risco relativamente à ocorrência de violência íntima. Os resultados obtidos

no presente estudo permitem também alertar para a importância que este tema ocupa na actualidade da sociedade portuguesa, salientando que é importante não minimizar esta temática nem as suas possíveis consequências. Embora o presente estudo tenha sido realizado a nível atitudinal, não permitindo fazer inferências relativamente à prevalência de comportamentos violentos na população juvenil portuguesa, é necessário ter em conta que as atitudes constituem predisposições para futuros comportamentos. Algo importante de referir também, prende-se directamente com a faixa etária da amostra utilizada neste estudo, visto que na actualidade os estudos se têm focado mais na população universitária, e poucos têm sido os trabalhos empíricos desenvolvidos com uma população numa faixa etária predominantemente adolescente. Revela-se importante desenvolver estudos desta natureza com participantes cada vez mais novos, uma vez que os comportamentos violentos e a predisposição para os mesmos se demonstra algo presente, cada vez mais, nestas faixas etárias jovens.

Não obstante os contributos deste estudo, ele não está isento de limitações, importando reflectir sobre o que poderá ter condicionado os resultados e as inferências que deles se podem extrair. Uma primeira limitação está directamente relacionada com questões metodológicas. Sendo reconhecida a importância de continuar a desenvolver estudos desta ordem com adolescentes, seria importante contemplar outras áreas geográficas para a recolha de dados, bem como outras características sócio-demográficas não contempladas neste estudo (e.g., contextos educativos diferentes, estatutos sócio-económicos heterogéneos). Algo que pode ser contemplado em futuros estudos é o alargamento dos objectivos e âmbito de estudo, sendo importante compreender quais as características do ponto de vista da participação e satisfação parental que os pais têm, comparativamente com a prevalência, ou não de comportamentos abusivos por parte dos filhos nas relações de intimidade, ou seja, compreender como os pais percebem os seus próprios estilos parentais e comparar essa percepção com a dos seus filhos. Além disso, o presente estudo é de carácter quantitativo, tendo recorrido apenas à utilização de questionários de auto-relato, com as suas consequentes limitações (e.g., impossibilidade de controlar a desejabilidade social, devido ao facto de os instrumentos utilizados não possuírem escalas de validade; impossibilidade de aceder às vivências subjectivas dos adolescentes, numa abordagem mais qualitativa). Neste sentido, seria interessante fomentar estudos empíricos que se interessassem por compreender e discriminar os comportamentos associados aos diferentes tipos de violência, assim como seria interessante que os estudos se focassem

no ponto de vista dos pais e filhos e conseguissem compreender qual a concordância de percepções, bem como seria útil fomentar estudos que permitissem construir uma visão mais integrada das dinâmicas (e.g., motivações, significações, intenções e reacções) inerentes ao fenómeno da violência no namoro.

Outra limitação encontrada neste estudo prende-se com a escassez de literatura teórica que relacione parentalidade e violência no namoro, limitando a reflexão mais teórica sobre a relação entre ambas as variáveis, com base num referencial teórico adaptado e ajustado às necessidades da temática. Neste sentido, seria importante pensar teoricamente sobre a temática em questão, de modo a integrar e relacionar mais os agentes educativos, especificamente os pais, com a temática da violência no namoro, e com a importante utilidade preventiva que eles podem ter sobre este tipo de comportamentos.

Outras limitações, relativamente aos instrumentos utilizados, também foram encontradas, nomeadamente em relação ao questionário EAVN. Esta é uma escala com um elevado número de itens, o que, nas faixas etárias para as quais foi construída, poderá ser problemático. A exacerbar os problemas relacionados com a possível fadiga dos participantes, neste estudo específico a escala foi administrada em conjunto com outros instrumentos. O carácter não voluntário do preenchimento do questionário, induzido pelo contexto de aplicação, a sala de aula, também deverá ser considerado uma limitação deste estudo. Ainda que nenhum sujeito da amostra se tenha recusado a responder ao conjunto de instrumentos aplicados, foram ouvidas e percebidas expressões de cansaço. Como acontece com a maioria dos questionários de auto-relato, aspectos relacionados com a desejabilidade social envolvida nas respostas pode ser sempre considerada como factor impeditivo para obter respostas o mais sinceras possíveis, sobretudo atendendo ao carácter socialmente sensível das questões formuladas.

Relativamente à escala EAVN a sua formulação apenas apresenta comportamentos abusivos perpetrados por uma rapariga sobre um rapaz e vice-versa, não abrindo espaço para a análise das atitudes dos sujeitos face a comportamentos abusivos em relacionamentos homossexuais. No futuro, deveria ser pensada a adaptação deste instrumento de modo a permitir a análise das atitudes dos jovens relativamente à violência que tem lugar nos relacionamentos entre pessoas do mesmo género.

Capítulo VII - Referências

- Adorno, T. (1995). Sobre sujeito e objeto. In T. Adorno. *Palavras e sinais*. (M. Ruschel, trad., pp. 181-201). Petrópolis, RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1969).
- Adorno, T.W. (1991). De la relación entre sociología y psicología. In: *Adorno, Theodor W. Actualidad de la filosofía*. (J. L. A. Tamayo, trad.). Barcelona, Ediciones Paidós Ibérica S.A., 135-204. (Trabalho original publicado em 1955)
- Albisetti, V. (2008). *Como vencer a violência. violência e amor: as duas faces de uma única moeda*. (1ª ed.). Milão: Paulinas Editora- prior velho
- Amorim, D. (2006). *Agressividade, Violência e Ensino Público Brasileiro: Desafios da Era Contemporânea*.
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (1998). *Manual alcipe para o atendimento de mulheres vítimas de violência, parte II*. Lisboa: APAV.
- Ayers, J., & Davies, S. (2011). Adolescent dating and intimate relationship violence: Issues and implications for school psychologists. *School Psychology Forum: Research in Practice*, 5(1), 1-12.
- Bagwell, C., & Schmidt, M. (2011). Friendships in childhood and adolescence. The Guilford Press. New York. Consultado a 14 de Julho de 2012 http://books.google.pt/books?hl=ptPT&lr=&id=WoXb7nNbQOQC&oi=fnd&pg=PR1&ots=_J_PATeP_x&sig=O8Nf1pJM2THKaODMEG4ySaVxYq0&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false
- Bandura, A. (2007). Albert Bandura, In G. Lindzey, W. M. Runyan (Eds.). *A history of psychology in autobiography*, Vol. IX (pp.43-75), American Psychological Association . doi:10.1037/11571-002
- Baumrind, D. (1966). Effects of Authoritative Parental Control on Child Behavior, *Child Development*, 37(4), 887-907
- Baumrind, D. (1991). The influence of parenting style on adolescent competence and substance use. *Journal of Early Adolescence*, 11(1), 56-95.

- Bergman, L. (1992). Dating violence among high school students. *Social Work*, 37, 21-27.
- Bergman, L. (1992). Dating violence among high school students. *Social Work*, 37, 21-27.
- Bleichmar, S. (2008) *Violência Social – violência escolar: de La puesta de limites a La construcción de legalidades*. Buenos Aires: Centro de Publicaciones educativas y material didáctico
- Braconnier, A., & Marcelli, D. (2000). *As mil faces da adolescência* (1ª Ed). Lisboa: Climepsi Editores, pp: 29-125.
- Camacho, I. & Matos, M. (2006). Práticas parentais, escola e consumo de substâncias em jovens. *Psicologia saúde & doenças*. Vol. 7, pp. 317-327.
- Caridade, S., & Machado, C. (2006). Violência na intimidade juvenil: da intimidação à perpetração. *Análise Psicológica*, 4 (XXIV), 485-493.
- Caridade, S., Machado, C. & Vaz, F. (2007). Violência no namoro: Estudo exploratório com jovens estudantes. *Psychologica*, 46, 197-214.
- Carver, R. S. (2000). Dating Violence and its relation to identity, self-esteem, and silencing the self among college women. *Humanities and Social Sciences*, 60, 2702.
- Close, S. M. (2005). Dating violence prevention in middle school and high school youth. *Journal of Child and Adolescent Psychiatric Nursing*, 18, 2-9.
- Connolly, J., Craig, W., Goldberg, A., & Pepler, D. (1999). Conceptions of cross-sex friendships and romantic relationships in early adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 28(4), 481-494. doi: 0047-2891/99/0800-0481\$16.00/0
- Conti, M. A., Gambardella, A. M. D., & Frutuoso, M. F. P. (2005). Insatisfação com a Imagem Corporal em adolescentes e sua relação com a maturação sexual. *Rev Bras Cresc Desenv Hum*, 15 (2), 36-44.
- Coutinho, G. C. (2005). A adolescência na contemporaneidade: ideal cultural ou sintoma social. *Revista de Psicanálise*, XVII (181), 13-19.

- Crochík, J. (2011). Violência escolar: discriminação, bullying e responsabilidade. Documento não publicado, LaEP, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Dahlberg, L., & Krug, E. (2007). Violência: um problema global de saúde pública. In Organização Mundial de Saúde. (2002). Genebra.
- Feiring, C., Deblinger, E., Hoch-Espada, A., & Haworth, T. (2002). Romantic relationship aggression and attitudes in high school students: The role of gender, grade, and attachment and emotional styles. *Journal of Youth and Adolescence*, 31, 373-385.
- Feiring, C., Deblinger, E., Hoch-Espada, A., & Haworth, T. (2002). Romantic relationship aggression and attitudes in high school students: The role of gender, grade, and attachment and emotional styles. *Journal of Youth and Adolescence*, 31, 373-385.
- Ferreira, M. (2012). A violência no namoro: estudo exploratório de caracterização das reacções dos adolescentes face à violência. Dissertação de mestrado integrado em Psicologia (área de conhecimento em Psicologia da Justiça). Consultado a 19 de Maio de 2012:
http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/18651?mode=full&submit_simple=Mostrar+registo+em+formato+completo
- Ferreira, M., & Nelas, P. B. (2006). Adolescências... Adolescentes... *Millenium: Revista do ISPV*, nº 32, 141-162. Consultado em 17 de Junho de 2012 através de <http://www.ipv.pt/millennium/Millennium32/11.pdf>.
- Foshee, V. (1996). Gender differences in adolescent dating abuse prevalence, types, and injuries. *Health Education Research*, 11, 275–286.
- Freud, S. (1986). El malestar en la cultura. In Braustein, N. A.(org.) *A medio siglo de El malestar en la cultura de Sigmund Freud*. (J. L.Etcheverry, trad.)México, Siglo Veintiuno. p.22-116 (Trabalho original publicado em 1930)
- Freud, S. (1989). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In J. Strachey (Org.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (7,118-230). Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1905)

- Gazaniga, R., Silva, E., & Paulini, I. (2009). *Violência e Agressividade na Juventude*. Centro Universitário Leonardo da Vinci
- Geen, R. G. (1998). Processes and personal variables in affective aggression. In R. G. Geen & E. Donnerstein (Orgs.), *Human aggression: theories, research, and implications for social policy* (pp. 1-21). San Diego, California: Academic.
- Consultado a 13 de Abril de 2012:
http://books.google.pt/books?hl=ptPT&lr=&id=M47vCHp1mUAC&oi=fnd&pg=PP2&dq=Affective+aggression:+The+role+of+stress,+pain,+and+negative+affect.&ots=Du1tyV7SyL&sig=mYlXVqp_OAs_9AiRlrogu1dkm8&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false
- Geen, R. G. (1998). Processes and personal variables in affective aggression. In R. G. Geen & E. Donnerstein (Orgs.), *Human aggression: theories, research, and implications for social policy* (pp. 1-21). San Diego, California: Academic.
- Gelles, R. J. (1997). *Intimate violence in families*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- Gleitman, H., Fridlund, A. J., & Reisberg, D. (2009). *Psicologia* (8ª Ed). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp: 784-848.
- Gomes, N. P., Diniz, N. M. F., Arafijo, A. J. S. & Coelho, M. F. (2007). Compreendendo a violência domestica a partir das categorias género e geração. *Acta Paulista de Enfermagem*, 20 (4), 504-508.
- Jouriles, E. N., Wolfe, D. A., Garrido, E., & McCarthy, A. (2006). Relationship violence. In D. A. Wolfe & E. J. Mash (Eds.), *Behavioral and emotional disorders in adolescents: Nature, assessment, and treatment*, 621–641. New York: Guilford Press. Consultado a 7 de Abril de 2012:
[http://www.google.pt/books?hl=ptPT&lr=&id=le1d53Qtdo0C&oi=fnd&pg=PA3&dq=Behavioral+and+emotional+disorders+in+adolescents:+Nature,+assessment,+and+treatment+\(&ots=T7ORFFYnUA&sig=cg5MB43lmBdnt8FQ3JKkxGBZ6Ok&redir_esc=y](http://www.google.pt/books?hl=ptPT&lr=&id=le1d53Qtdo0C&oi=fnd&pg=PA3&dq=Behavioral+and+emotional+disorders+in+adolescents:+Nature,+assessment,+and+treatment+(&ots=T7ORFFYnUA&sig=cg5MB43lmBdnt8FQ3JKkxGBZ6Ok&redir_esc=y)
- Jouriles, E. N., Wolfe, D. A., Garrido, E., & McCarthy, A. (2006). Relationship violence. In D. A. Wolfe & E. J. Mash (Eds.), *Behavioral and emotional disorders*

in adolescents: Nature, assessment, and treatment, 621–641. New York: Guilford Press.

Kant, I.(1992). *A Paz Perpétua e Outros Opúsculos*. Lisboa: edições 70.

Katz, J., Kuffel, S., & Coblenz, A. (2002). Are There Gender Differences in Sustaining Dating Violence? An Examination of Frequency, Severity, and Relationship Satisfaction. *Journal of Family Violence*. 17(3), 247-271.

Kristensen, C., Lima, J., Ferlin, M., Flores, R., & Hackmann, P. (2003). Fatores etiológicos da agressão física: uma revisão teórica. *Estudos de Psicologia*, 8(1), 175-184

Levine, J., Charnov, E., Pleck, J., & Lamb, M. A Biosocial perspective on paternal behavior and involvement. In. Lancaster, J., Altmann, J., Rossi, A., & Sherrod, L. (2011). *Parenting Across the Life Span: Biosocial Dimensions*. Consultado a 12 de Outubro de 2012: http://www.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=PtJMNlrKpaYC&oi=fnd&pg=PA111&dq=LeVine+parental+participation&ots=1CGKIk4YE&sig=FERmOVpk8XsdF4QjMk8Q8KHYo-I&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false

Lewis, S. & Fremouw, W. (2001). Dating violence: a critical review of the literature. *Pergamon*, 21(1), 105-127.

Lichter, L. E., & McCloskey, A. L. (2004). The effects of childhood exposure to marital violence on adolescent gender-role beliefs and dating violence. *Psychology of Women Quarterly*, 28, 344-357.

Lima, L. P. (2006). Identidade social e relações intergrupais. In J. Vala & M. B. Monteiro (Eds.), *Psicologia social* (7ª Ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Lorenz, K. (1966). *On aggression*. Nova York: Hartcourt, Brace & World. Consultado a 3 de Dezembro de 2011: (http://books.google.pt/books?id=rIVK7wuY3kIC&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)

Lorenz, K. (1966). *On aggression*. Nova York: Hartcourt, Brace & World.

- Lourenço, N., & Carvalho, M. (2001). Violência doméstica: coveito e âmbito. Tipos e espaços de violência. *Themis*. 3, 95-121.
- Machado, C., Matos, M., & Moreira, A. I. (2003). Violência nas relações amorosas: Comportamentos e atitudes na população universitária. *Psychologica*, 33, 69-83.
- Marcuse, H.(1981). *Eros e Civilização*.(A. Cabral, trad.) Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1955)
- Matos, M., Machado, C., Caridade, S., & Silva, M. (2006). Pervenção da violência nas relações de namoro: Intervenção com jovens em contexto escolar. *Psicologia: Teoria e Prática*. 8(1), 55-77.
- Matos, M., Negreiros, J., Simões, C. & Gaspar, T. (2009). *Violencia, Bullying e Delinquência*. Lisboa: Coisas de Ler.
- Matos, M.G., Negreiros, J., Simões, C., & Gaspar, T. (2009). *Violência, Bullying e Delinquência – Gestão de Problemas de Saúde em Meio Escolar*. Lisboa
- Medeiros, M. (2000). Adolescência: abordagens, investigações e contextos de desenvolvimento. Lisboa: Direcção Regional de Educação, pp. 12-67, 198-207.
- Miller, N. E., Sears, R. R., Mowrer, O. H., Doob, L. W., & Dollard, J. (1941). The frustration-aggression hypothesis. *Psychological Review*, 48, 337-342. Consultado a em 11 de Fevereiro de 2012: <http://psychclassics.yorku.ca/FrustAgg/miller.htm>.
- Miller, S., Gorman-Smith, D., Sullivan, T., Orpinas, P., Simon, T., & , (2009). Parent and peer predictors of physical dating violence perpetration in early adolescence: Tests of moderation and gender differences. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology*. 38(4), 538-550. doi: 10.1080/15374410902976270
- Moncorvo, M. C. R. (2008). Criando os filhos sozinha: a perspectiva feminina da família monoparental. Dissertação de Mestrado em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Moyer, K. E. (1976). *The psychobiology of aggression*. Nova York: Harper & Row.

- Mulford, C., & Giordano, P. (2008). Teen Dating Violence: A closer look at adolescent romantic relationships. *NIJ Journal*, 261, 34-40.
- Oliveira, M. (2009). Violência Intergeracional: da Violência na família à violência no namoro. (Dissertação de Mestrado)
- Paiva, C., & Figueiredo, B. (2004). Abuso no relacionamento íntimo: estudo da prevalência em jovens adultos portugueses. *Psychologica*, 36, 75-107.
- Pallant, J. (2005). SPSS Survival Manual: A step by step guide to data analysis using SPSS (Version 12). Australia: Allen & Unwin.
- Price, E. L., Byers, E. S., & Dating violence research team. (1999). The attitudes towards dating violence scales: Development and initial validation. *Journal of Family Violence*, 4, 387-415.
- Reese, L. E., Vera, E.M., Simon, T. R., & Ikeda, R. M. (2000). The role of families and care givers as risk and protective factors in preventing youth violence. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 3, 61-77.
- Ribeiro, A. (2007). Bullying em contexto escolar: Estudo de caso. Universidade Portucalense. (Dissertação de Mestrado).
- Saavedra, R. (2010). Prevenir antes de remediar: Prevenção da violência nos relacionamentos íntimos juvenis. (Dissertação de Doutoramento).
- Schaffer, H. R. (1996). *Desenvolvimento social da criança*. Instituto Piaget
- Shook, N., Gerrity, D., Jurich, J., & Segrist, A. (2000). Courship Violence Among College Students: A Comparison of Verbally and Physically Abusive Couples. *Journal of Family Violence*. 15 (1).
- Silva, E. M. V. B., Da Silva, D. M., & André, S. F. S. (2005). A pequena sereia: arquétipo da adolescência. *Millenium: Revista do ISPV*, nº 31, 93-99. Consultado em 15 de Junho de 2012 através de <http://www.ipv.pt/millenium/Millenium31/7.pdf>.
- Stets, J., & Henderson, A. (1991). Contextual Factors Surrounding Conflict Resolution While Dating: Results from a National Study. *Family Relations*. 40(1), 29-36.

- Straus, M. (2009). Gender symmetry in partner violence: evidence and implications for prevention and treatment. In D. J. Whitaker & J. R. Lutzer (Eds), Preventing partner violence – research and evidence-based intervention strategies. (pp. 141-168). Washington DC: *American Psychological Association*.
- Straus, M. A. (2004). Prevalence of violence against dating partners by male and female university students worldwide. *Violence Against Women*, 10, 790–811.
- Tedeschi, J. T., & Felson, R. B. (1994). Coercive actions and aggression. In, Violence aggression, and coercive actions (347-317). Washington, DC US: *American Psychological Association*.
- Tedeschi, J. T., & Felson, R. B. (1994). Violence, aggression, and coercive actions. Washington, DC: *American Psychological Association*.
- Tontodonato, P., and Crew, B. K. (1992). Dating violence, social learning theory, and gender: A multivariate analysis. 7, 3–14.
- Tyler, K., Brownridge, D., & Melander, L. (2011). The Effect of Poor Parenting on Male and Female Dating Violence Perpetration and Victimization. *Sociology Department, Faculty Publications*, 26(2) 218-230. Doi. 10.1891/0886-6708.26.2.218
- Veríssimo, M. & Salvaterra, F., (2006) Maternal secure-base scripts and children's attachment security in adopted samples. *Attachment and human development*, v8(3), 261-274.
- White, J.W. & Koss, M.P. (1991). Courtship Violence: Incidence in a national sample of higher education student. *Violence and Victims*, 6, 247-256.
- Windle, M., & Mrug, S. (2009). Cross-gender Violence Perpetration and Victimization Among Early Adolescents and Associations with Attitudes Toward Dating Conflict. *Journal of Youth Adolescence*. 38, 429-439.
- Wolfe, D. A., Wekerle, c., & Scott, k. (1996). Alternatives to violence: Empowering youth to develop healthy relationships. *Thousand Oaks: Sage Publications*.
- Consultado a 22 de Agosto de 2012.

http://books.google.pt/books?id=gl7KqL_CiU4C&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false

ANEXOS

Anexo I – Questionário de Caracterização Populacional



Código:

Questionário de Caracterização Populacional

1. Qual o ano de ensino que frequentas? 7º ☐ 8º ☐ 9º ☐

2. Idade:

3. Sexo:

Masculino ☐ Feminino ☐

4. Com quem vives:

5. Qual a escolaridade do teu pai?

Ensino Básico _____ ☐

Ensino Secundário _____ ☐

Ensino Superior _____ ☐

Outro _____ ☐

6. Qual a escolaridade da tua mãe?

Ensino Básico _____ ☐

Ensino Secundário _____ ☐

Ensino Superior _____ ☐

Outro _____ ☐

Anexo II – Questionário de Autoridade Parental (P.A.Q)

Código:

Questionário de Autoridade Parental (P.A.Q)

INSTRUÇÕES

Vais encontrar de seguida um conjunto de afirmações em relação à forma como tu interpretas e compreendes a forma como os teus pais educam. Pede-se que leias atentamente essas frases e exprimas a tua opinião em relação a cada uma delas. Não existem respostas certas ou erradas. A tua opinião é o mais importante. Por favor, tenta responder de acordo com a tua forma de pensar e sentir e não como achas que deveria ser.

Avalia cada afirmação, colocando um (X) na opção que melhor traduza o teu modo de pensar. Assegura-te de que respondeste a todas as questões, devendo optar apenas por uma das hipóteses apresentadas.

As respostas a este questionário são absolutamente confidenciais.

Obrigado pela tua colaboração!

Por favor, lê atentamente cada afirmação e responde de acordo com as seguintes opções:

Discordo Totalmente
Discordo
Não concordo nem discordo
Concordo
Concordo totalmente

		Discordo Totalmente	Discordo	Não Concordo Nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente
1	Os meus pais pensam que numa casa “bem orientada”, tanto os filhos como os pais devem ter a oportunidade de fazer as coisas à sua maneira.					
2	Mesmo que não concorde com o que os meus pais dizem, eles acham que eu devo obedecer-lhes para o meu próprio bem.					
3	Sempre que os meus pais me pedem ou me mandam fazer alguma coisa, esperam que eu o faça imediatamente e sem questionar as suas ordens.					
4	Quando se estabelecem regras lá em casa, os meus pais debatem comigo as suas razões e motivos.					
5	Os meus pais sempre me encorajaram a falar, quando não estava de acordo com as regras e restrições lá de casa.					
6	Os meus pais acham que, os jovens devem ter a sua maneira de pensar e de agir, mesmo que isso vá contra a vontade dos pais.					
7	Os meus pais não admitem que eu ponha em causa as suas decisões.					
8	Os meus pais sempre organizaram as acções dos filhos, com base na argumentação e disciplina.					
9	Os meus pais pensam que, para que os filhos se comportem como desejado, os pais devem ser bastante firmes.					
10	Os meus pais sempre defenderam que eu <u>não</u> devo obedecer a uma regra, só porque alguém com autoridade me disse para fazer.					

		Discordo Totalmente	Discordo	Não Concordo Nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente
11	Sei o que os meus pais esperam de mim mas, sinto-me suficientemente à vontade para falar com eles quando achar que as suas expectativas não são razoáveis.					
12	Os meus pais acham que, pais sensatos devem ensinar desde cedo aos seus filhos quem é que manda na família.					
13	Só muito raramente é que os meus pais me orientaram ou disseram o que é que esperavam do meu comportamento.					
14	Muitas vezes, as decisões familiares que os meus pais tomam, têm por base o que os filhos querem.					
15	Os meus pais costumam orientar-me de forma racional e objectiva.					
16	Os meus pais ficariam muito aborrecidos se eu discordasse deles.					
17	Os meus pais acham que grande parte dos problemas da sociedade seriam resolvidos se os pais não estabelecessem limites às acções dos filhos, à medida que estes vão crescendo.					
18	Desde sempre que os meus pais me mostram que comportamentos esperam de mim e se eu não corresponder a essas expectativas, castigam-me.					
19	Desde sempre que os meus pais me deixaram decidir a maior parte das coisas por mim mesmo, dando-me poucas orientações.					
20	Os meus pais sempre tiveram em linha de conta as minhas opiniões nas decisões da família, mas não optariam por uma decisão só para me fazer a vontade.					

		Discordo Totalmente	Discordo	Não Concordo Nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente
21	Os meus pais não se sentem responsáveis por orientar o meu comportamento.					
22	Os meus pais têm um padrão de comportamentos segundo o qual me orientam, mas mostram-se dispostos a ajustar esse padrão às minhas necessidades.					
23	Os meus pais dão-me orientações e esperam que eu as siga, mas estão sempre disponíveis para conversar se eu tiver dúvidas e preocupações.					
24	Os meus pais sempre me deram espaço para ter as minhas opiniões e normalmente deixam-me decidir o que fazer.					
25	Os meus pais pensam que a maior parte dos problemas da sociedade seriam resolvidos, se os pais tratassem os filhos com rigor e os forçassem a fazer o que é esperado deles.					
26	Os meus pais dizem-me exactamente o que querem e como o querem que eu faça.					
27	Os meus pais orientam de forma clara as minhas acções, mas são sempre compreensivos quando eu não concordo com eles.					
28	Os meus pais não orientam os meus comportamentos, actividades e desejos.					
29	Eu sei o que os meus pais esperam de mim em relação à família e, insistem que devo conformar-me às suas expectativas por respeito à sua autoridade.					
30	Se os meus pais tomarem uma decisão que me magoa, estão dispostos a debater essa decisão comigo e, se for caso disso, admitirem que erraram.					

Anexo III – Escala de Atitudes Acerca da Violência no Namoro (E.A.V.N)

Código:

Escala de atitudes acerca da violência no namoro (E.A.V.N.)

INSTRUÇÕES

Vais encontrar de seguida um conjunto de afirmações em relação a situações de violência no namoro. Pede-se que leias atentamente essas frases e exprimas a tua opinião em relação a cada uma delas. Não existem respostas certas ou erradas. A tua opinião é o mais importante. Por favor, tenta responder de acordo com a tua forma de pensar e sentir e não como achas que deveria ser.

Avalia cada afirmação, colocando um (X) na opção que melhor traduza o teu modo de pensar. Assegura-te de que respondeste a todas as questões, devendo optar apenas por uma das hipóteses apresentadas.

As respostas a este questionário são absolutamente confidenciais.

Obrigado pela tua colaboração!

Por favor, lê atentamente cada afirmação e responde de acordo com as seguintes opções:

Discordo Totalmente

Discordo

Não concordo nem discordo

Concordo

Concordo totalmente

Parte A

	DISCORDO TOTALMENTE	DISCORDO	NÃO CONCORDO NEM DISCORDO	CONCORDO	CONCORDO TOTALMENTE
1. Um rapaz não deve insultar a namorada	☐	☐	☐	☐	☐
2. Um rapaz não deve dizer à namorada o que fazer.	☐	☐	☐	☐	☐
3. Uma rapariga deve pedir autorização ao namorado para sair com os amigos.	☐	☐	☐	☐	☐
4. Os relacionamentos resultam melhor quando as raparigas procuram agradar os namorados.	☐	☐	☐	☐	☐
5. Não existe nenhuma razão para um rapaz ameaçar a namorada.	☐	☐	☐	☐	☐
6. Por vezes, os rapazes não conseguem evitar insultar as namoradas.	☐	☐	☐	☐	☐
7. Uma rapariga deve mudar a sua forma de ser para agradar ao namorado.	☐	☐	☐	☐	☐
8. Uma rapariga deve fazer sempre o que o namorado lhe diz para fazer.	☐	☐	☐	☐	☐
9. Um rapaz não precisa de saber tudo o que a namorada faz.	☐	☐	☐	☐	☐
10. Não existe nenhuma razão para um rapaz insultar a namorada.	☐	☐	☐	☐	☐
11. É normal um rapaz gritar com a namorada quando está furioso.	☐	☐	☐	☐	☐
12. Um rapaz pode dizer mal da namorada.	☐	☐	☐	☐	☐
13. Não existe nenhuma razão para um rapaz gritar e berrar com a namorada.	☐	☐	☐	☐	☐
14. Uma rapariga não deve estar com os amigos se isso aborrecer o namorado.	☐	☐	☐	☐	☐
15. É importante que uma rapariga se vista sempre da forma que o namorado quer	☐	☐	☐	☐	☐

Parte B

	DISCORDO TOTALMENTE	DISCORDO	NÃO CONCORDO NEM DISCORDO	CONCORDO	CONCORDO TOTALMENTE
1. Uma rapariga deve acabar o namoro se o namorado lhe bater.	☐	☐	☐	☐	☐
2. Algumas raparigas merecem levar uma bofetada dos namorados.	☐	☐	☐	☐	☐
3. Não é correcto um rapaz bater na namorada.	☐	☐	☐	☐	☐
4. Por vezes os rapazes não conseguem evitar dar murros na namorada.	☐	☐	☐	☐	☐
5. Não existe nenhuma razão para um rapaz empurrar a namorada.	☐	☐	☐	☐	☐
6. Por vezes um rapaz não consegue evitar bater na namorada quando ela o irrita.	☐	☐	☐	☐	☐
7. Não existe nenhuma razão para um rapaz dar uma bofetada à namorada.	☐	☐	☐	☐	☐
8. Por vezes o ciúme põe um rapaz tão louco que ele bate na namorada.	☐	☐	☐	☐	☐
9. As raparigas que traem os namorados merecem ser esbofeteadas.	☐	☐	☐	☐	☐
10. Por vezes, o amor faz com que um rapaz fique tão louco que ele bate na namorada.	☐	☐	☐	☐	☐
11. Normalmente um rapaz não bate na namorada a não ser que esta mereça	☐	☐	☐	☐	☐
12. Um rapaz pode bater na namorada se ela merecer.	☐	☐	☐	☐	☐

Parte C

	DISCORDO TOTALMENTE	DISCORDO	NÃO CONCORDO NEM DISCORDO	CONCORDO	CONCORDO TOTALMENTE
1. Quando um rapaz paga a conta num encontro pode pressionar a namorada para ter relações sexuais com ele.	☐	☐	☐	☐	☐
2. Os rapazes não são donos do corpo das namoradas.	☐	☐	☐	☐	☐
3. Quando os rapazes ficam muito excitados sexualmente, não conseguem evitar ter relações sexuais.	☐	☐	☐	☐	☐
4. Os rapazes nunca devem embriagar as namoradas para conseguirem ter relações sexuais com elas.	☐	☐	☐	☐	☐
5. Um rapaz não deve tocar na namorada a não ser que ela queira.	☐	☐	☐	☐	☐
6. Um rapaz pode forçar a namorada a beijá-lo.	☐	☐	☐	☐	☐
7. Às vezes os rapazes têm de ser brutos com as namoradas para as excitarem.	☐	☐	☐	☐	☐
8. Para provar o seu amor uma rapariga deve ter relações sexuais com o namorado.	☐	☐	☐	☐	☐
9. Uma rapariga que entra no quarto de um rapaz está a concordar ter relações sexuais com ele.	☐	☐	☐	☐	☐
10. Não tem mal pressionar uma rapariga para ter relações sexuais.	☐	☐	☐	☐	☐
11. Não tem mal pressionar uma rapariga para ter relações sexuais se ela já teve relações no passado.	☐	☐	☐	☐	☐
12. Depois de um casal assumir um compromisso, o rapaz não tem o direito de forçar a namorada para ter relações sexuais.	☐	☐	☐	☐	☐

Parte D

	DISCORDO TOTALMENTE	DISCORDO	NÃO CONCORDO NEM DISCORDO	CONCORDO	CONCORDO TOTALMENTE
1. Não existe nenhuma desculpa para uma rapariga ameaçar o namorado.	☐	☐	☐	☐	☐
2. Não existe nenhuma razão para uma rapariga insultar o namorado.	☐	☐	☐	☐	☐
3. As raparigas têm o direito de dizer aos namorados como se devem vestir.	☐	☐	☐	☐	☐
4. Um rapaz deve fazer sempre o que a namorada lhe diz para fazer.	☐	☐	☐	☐	☐
5. Se uma rapariga berrar e gritar com o namorado, não o magoa a sério.	☐	☐	☐	☐	☐
6. As raparigas têm o direito de dizer aos namorados o que fazer.	☐	☐	☐	☐	☐
7. É importante que um rapaz se vista sempre da forma que a namorada quer.	☐	☐	☐	☐	☐
8. Por vezes as raparigas não conseguem evitar insultar os namorados.	☐	☐	☐	☐	☐
9. Um rapaz deve pedir sempre autorização à namorada para sair com os amigos.	☐	☐	☐	☐	☐
10. Uma rapariga pode dizer mal do namorado.	☐	☐	☐	☐	☐
11. É normal uma rapariga gritar com o namorado quando fica furiosa.	☐	☐	☐	☐	☐
12. Por vezes as raparigas têm de ameaçar os namorados para eles as ouvirem.	☐	☐	☐	☐	☐
13. Uma rapariga não deve controlar o que o namorado veste.	☐	☐	☐	☐	☐

Parte E

		DISCORDO TOTALMENTE	DISCORDO	NÃO CONCORDO NEM DISCORDO	CONCORDO	CONCORDO TOTALMENTE
1.	Uma rapariga pode bater no namorado se ele merecer.	☐	☐	☐	☐	☐
2.	Não tem mal se uma rapariga empurrar o namorado.	☐	☐	☐	☐	☐
3.	Por vezes, as raparigas não conseguem evitar dar murros nos namorados.	☐	☐	☐	☐	☐
4.	Alguns rapazes merecem levar uma bofetada da namorada.	☐	☐	☐	☐	☐
5.	Por vezes, uma rapariga tem de bater no namorado para ele a respeitar.	☐	☐	☐	☐	☐
6.	Normalmente uma rapariga só bate no namorado quando ele merece.	☐	☐	☐	☐	☐
7.	Uma rapariga não deve bater no namorado, independentemente do que ele tenha feito.	☐	☐	☐	☐	☐
8.	Não existe nenhuma razão para um rapaz levar uma bofetada da namorada.	☐	☐	☐	☐	☐
9.	Puxar o cabelo é uma boa forma de uma rapariga se vingar do namorado.	☐	☐	☐	☐	☐
10.	Nunca está correcto uma rapariga dar uma bofetada ao namorado.	☐	☐	☐	☐	☐
11.	Algumas raparigas têm que bater nos namorados para serem ouvidas.	☐	☐	☐	☐	☐
12.	Um rapaz deve terminar o namoro com uma rapariga se esta o esbofetear.	☐	☐	☐	☐	☐

Parte F

		DISCORDO TOTALMENTE	DISCORDO	NÃO CONCORDO NEM DISCORDO	CONCORDO	CONCORDO TOTALMENTE
1.	Uma rapariga não deve tocar no namorado a não ser que ele queira.	☐	☐	☐	☐	☐
2.	Não tem nada de mal um rapaz mudar a sua opinião sobre ter relações sexuais.	☐	☐	☐	☐	☐
3.	Um rapaz deve terminar o namoro com a namorada se ela o obrigar a ter relações sexuais.	☐	☐	☐	☐	☐
4.	Uma rapariga só deve tocar o namorado nos sítios onde ele quer.	☐	☐	☐	☐	☐
5.	Um rapaz que entra no quarto de uma rapariga está a concordar em ter relações sexuais.	☐	☐	☐	☐	☐
6.	Não tem nada de mal uma rapariga forçar o namorado a beijá-la.	☐	☐	☐	☐	☐
7.	As raparigas nunca devem embriagar os namorados para conseguirem ter relações sexuais com eles.	☐	☐	☐	☐	☐
8.	Mesmo se um rapaz tiver dito "sim" sobre ter relações sexuais, tem sempre o direito de mudar de ideias.	☐	☐	☐	☐	☐
9.	Depois de um casal assumir um compromisso, a rapariga não tem o direito de forçar o namorado a ter relações sexuais.	☐	☐	☐	☐	☐
10.	As raparigas nunca devem mentir aos namorados para eles terem relações sexuais com elas.	☐	☐	☐	☐	☐
11.	Para provar o seu amor, um rapaz deve ter relações sexuais com a namorada.	☐	☐	☐	☐	☐
12.	Uma rapariga pode dizer a um rapaz que gosta dele só para conseguir ter relações sexuais com ele.	☐	☐	☐	☐	☐

Anexo IV – Pedido de Autorização para os Pais



ASSUNTO: Recolha de dados para Tese de Mestrado

Lisboa, 19 de Março de 2012

Ex.ºs Srs.,

o meu nome é Gonçalo Moura sou estudante no ISPA – Instituto Universitário e estou a frequentar o último ano do mestrado em Psicologia Educacional.

Estou a desenvolver a minha tese numa área de estudos sobre relações de violência interpessoal entre adolescentes. Para tal, será necessário realizar uma recolha de dados, que consiste na aplicação de questionários, em alunos que se encontram, actualmente, a frequentar o 7º, 8º e 9º anos. Todos os dados serão confidenciais, sendo que os mesmos poderão vir a ser utilizados em futuras publicações científicas, ficando garantido, também nesses casos, o mais absoluto sigilo quanto à identidade dos participantes e das respetivas escolas envolvidas.

Para permitir que o seu educando participe nesta investigação, preencha a autorização abaixo.

Agradeço antecipadamente a colaboração prestada.

Eu, abaixo assinado, Encarregado de Educação de

(nome do aluno), declaro que autorizo o meu educando a participar na recolha de dados para a tese de mestrado do aluno Gonçalo Moura, sobre violência nas relações interpessoais entre adolescentes, sendo garantida a total confidencialidade dos dados recolhidos.

Lisboa, ____ de _____ de 2012

(Assinatura do Encarregado de Educação)

Anexo V – Pedido de Autorização para as Escolas



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, Gonçalo Alves Moura, aluno do 5º ano do Mestrado Integrado em Psicologia, na área de Psicologia Educacional, no ISPA- Instituto Universitário, estou a desenvolver um projeto de investigação, no âmbito da minha monografia de Mestrado, cuja temática principal é: Violência na adolescência, atitudes face à violência em situação de namoro.

Como preocupação central desta pesquisa, procura-se compreender qual serão as atitudes dos jovens, com idades compreendidas entre os 12 e os 15 anos de idade, face à violência em situação de namoro.

Tendo em conta o que referido anteriormente, venho por este meio solicitar a participação do Agrupamento de Escolas _____ para que a recolha de dados possa ser feita. A participação na pesquisa é absolutamente voluntária, sendo que qualquer participante pode decidir não participar da mesma. Será garantido a todos os participantes absoluto sigilo quanto às suas identidades. Assim como não será feita, posteriormente, qualquer referência às escolas onde a recolha de dados foi feita.

Os dados obtidos nesta pesquisa poderão vir a ser utilizados em futuras publicações científicas, ficando garantido, também nesses casos, o mais absoluto sigilo quanto à identidade dos participantes e das respetivas escolas envolvidas.

Os participantes podem pedir esclarecimentos ao pesquisador em qualquer momento da pesquisa, podendo inclusive pedir esclarecimento em momentos posteriores à aplicação dos instrumentos, através do contacto electrónico disponibilizado.

Tendo ciência disso, eu, _____, dou meu consentimento livre e esclarecido à participação na presente pesquisa e autorizo o tratamento e publicação dos dados obtidos em futuras publicações científicas.

_____, ____ de _____ de 2012.

Assinatura

Pesquisador: Gonçalo Moura; E-mail: goncaloalvesmoura@gmail.com

Anexo VI – Carta de Recomendação do Orientador



À Direcção do Agrupamento

O aluno Gonçalo Moura, do Mestrado Integrado em Psicologia, área de Psicologia Educacional encontra-se a realizar sob minha orientação a sua Dissertação de Mestrado “Comportamentos de violência em adolescentes”.

Para realizar o seu estudo torna-se necessário inquirir alunos do 7º ao 9º ano de escolaridade.

Assim, solicito autorização para que o Gonçalo Moura possa contar com a colaboração do Agrupamento desse agrupamento de forma a desenvolver o estudo. Será, naturalmente garantida a confidencialidade dos dados recolhidos e obtida a autorização dos pais, condição sem a qual não se recolhe qualquer informação.

Agradecendo desde já a colaboração, fico ao dispor para qualquer esclarecimento.

Lisboa, 22/02/2012

ISPA - Instituto Universitário
R. Jardim do Tabaco, 34 - 1149-041 Lisboa
Tel: 21 881 17 00 | Fax: 21 886 89 54
www.ispa.pt - Email: info@ispa.pt
(Prof. Doutor José Morgado)